CINEARTE

Gloria Stuart

DICKIE MOORE, "SPANKY", JACQUIE LYN, "STYMIE", DOROTHY DE BORBA E PETE, O CACHORRO.

EDWINA BOOTH

Um chronista por ahi que parece houve seus interesses contrariados em alguma coisa do Cinema nacional investiu contra este negando-o, como S. Pedro, contra os seus directores e seus artistas, taxando toda essa farandulagem de positivamente ridicula e presumpçosa.

Não temos procuração para defender as esforçadas gentes que vêm fazendo sacrificios em torno de um ideal cuja nobreza, quando mais não fosse, deveria inspirar respeito e admiração, dessa gente que aqui e nos Estados procura construir o edificio da Cinematographia brasileira sem desanimo ante as difficuldades, os embaraços e especialmente a má vontade de pessoas que só se rendem á evidencia da moeda.

Não temos essa procuração mas por isso mesmo nos sentimos mais á vontade para algo dizer a respeito.

Não nos é o enthusiasmo facil nem nos deixamos ingenuamente embalar por illusões que logo se dissipam. Nunca prodigalisámos derramados louvores ás realizações de até aqui. Mas por isso mesmo que vimos acompanhando com imparcialidade o desenvolvimento lento, porém seguro, dessa industria que sem o menor auxilio publico ou privado, á custa apenas da dedicação, do espirito de sacrificio de seus poucos iniciadores vem se fundando em nosso paiz, para beneficio delle, é que nos sentimos com mais autoridade para articular a defesa de uma causa que já é de longos annos orientadora desta revista e della tem merecido seu costumado carinho.

Esse negativismo irritante que de quando em quando explode aqui e além nas columnas dos jornaes com vagas iniciaes authenticando-o é suspeito sempre.

Discutir, orientar, encaminhar esse é que devia ser o papel de todos aquelles que affectam interesse pelo Cinema e sobre elle discorrem. A critica é facil, mas as realizações, e esta especialmente, são muito difficeis.

Querer que a industria Cinematographica surja logo perfeita aqui é tolice rematada. Nem uma industria, por mais singela que seja, tem essa sorte.

Basta acompanhar a evolução da Cinematographia nos Estados Unidos, ver o que foi a vida de sacrificios dos pioneiros naquelles arredados tempos em que ninguem tinha confiança nessa industria e depois, passo a passo a sua progressão para as formidaveis realizações de hoje; bastava isso para convencer a qualquer de que nada se póde obter com fulminante exito, muitos luctadores tombando em meio da jornada sem ver nem presente ao menos o triumpho que ás vezes só ao fim de muitos annos e muitos gastos se consegue.

ASTRID ALWYNN

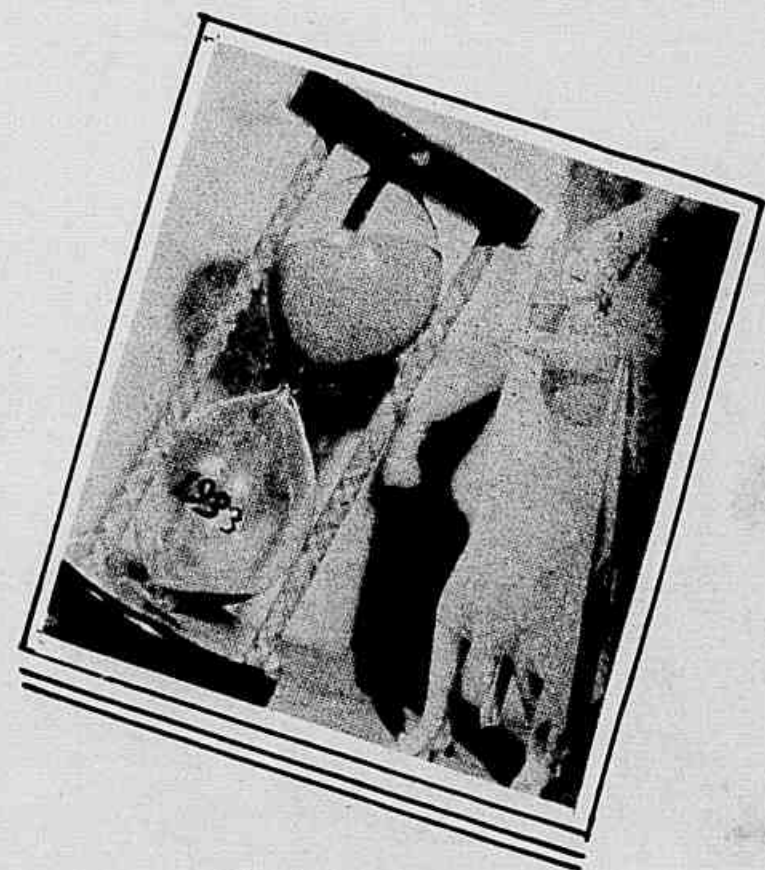
Quem conhece a vida dos nossos meios Cinematographicos não pode sem injustiça acoimal-o de cabotinismo.

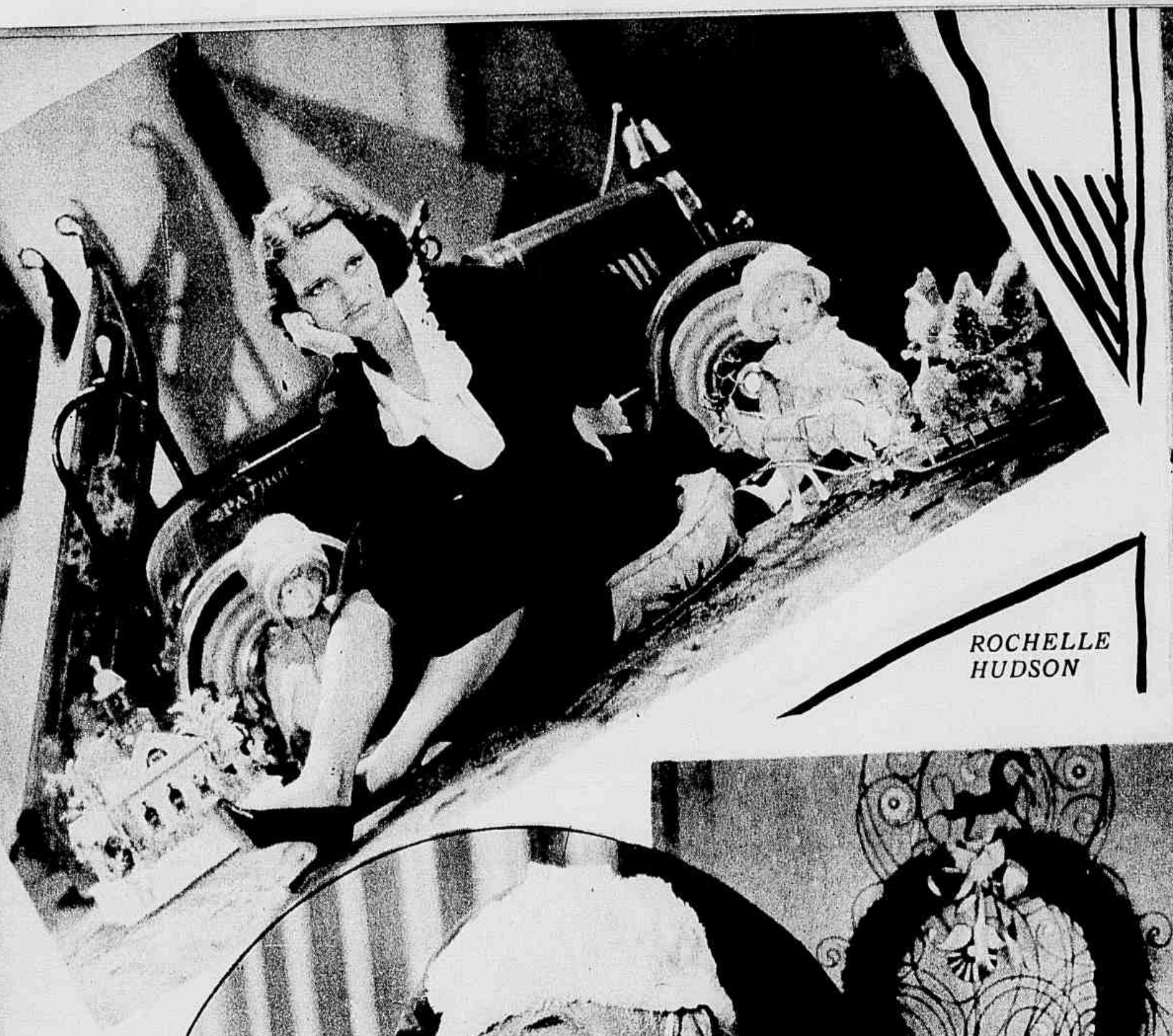
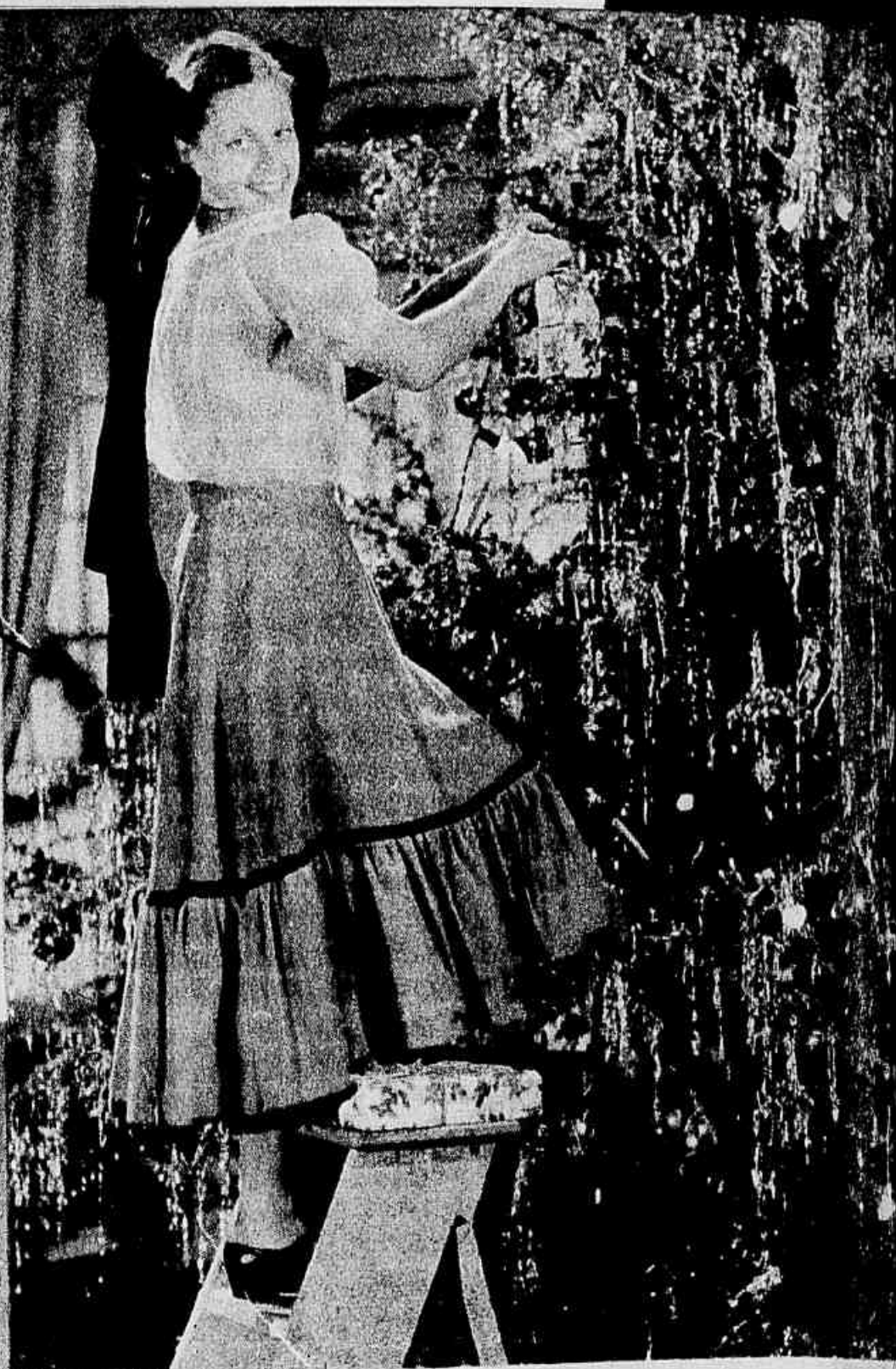
Ainda não ha motivos para isso.

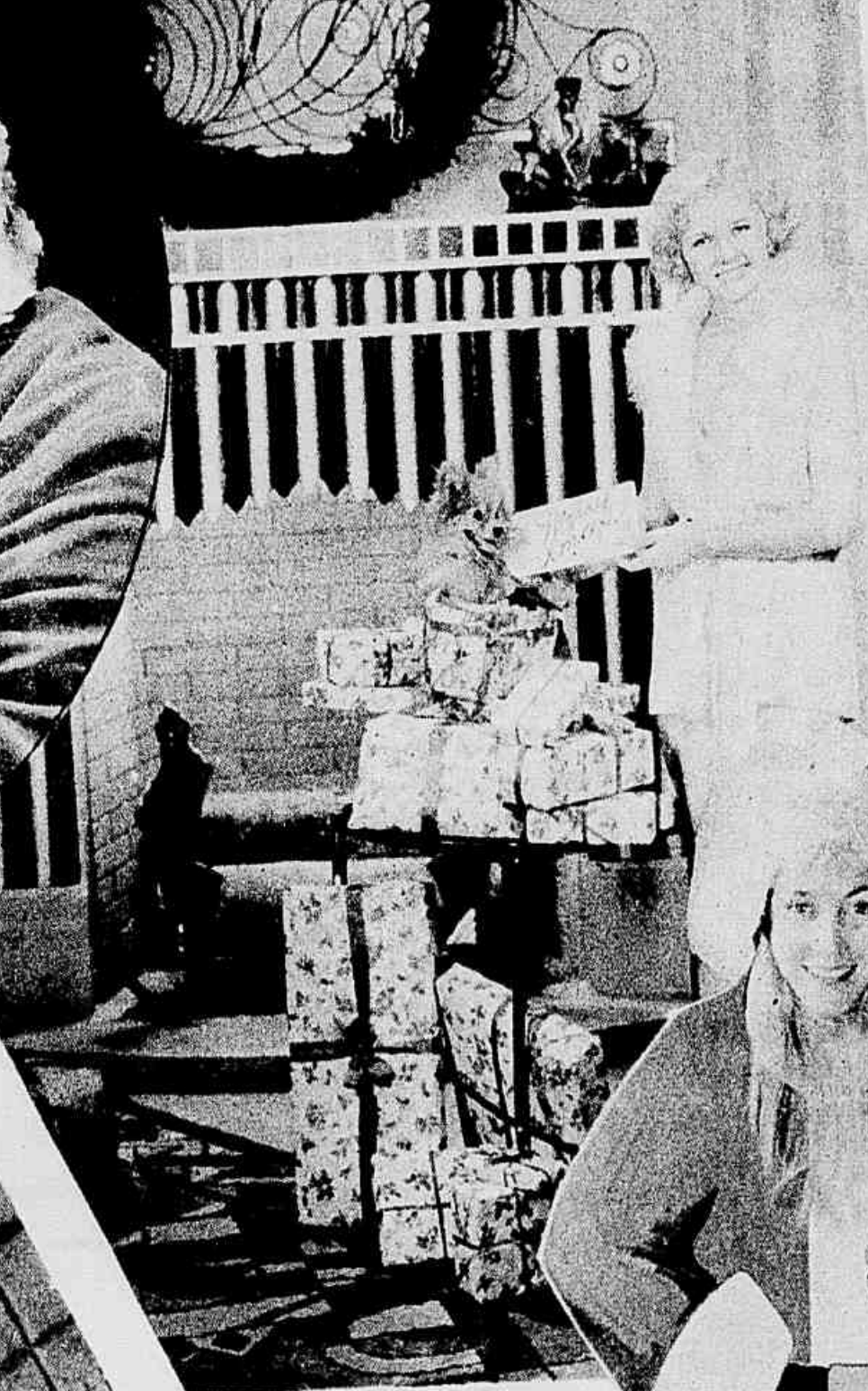
Hão de occorrer e com o exito forçosamente o "cabotinismo" surgirá. E' proprio dos triumphos da popularidade. Haja vista a confissão feita em banquete pelo sr. Paulo de Magalhães e que tão grande escandalo causou. Cabotinismo ha em tudo, em todas as actividades. Na jornalistica então é communissimo. E ahi então, quasi sempre injustificada nem por isso é menos exaggerada.

A expressão de sufficiencia com que qualquer escriba de poucas letras — se arroga o direito de condemnar todas as iniciativas alheias não será porventura uma clara manifestação de cabotinismo?

Não é por esse meio, tudo negando, tudo condemnando que conseguiremos interessar os capitaes a que o chronista alludido attribue parece o dom maravilhoso de crear só por si uma industria que dependa não só do peso monetario mas muito ainda da intelligencia e do sabor technico.

Os capitaes são necessarios — Sem elles nada se póde fazer. Vá entretanto um dia o displicente escriba negativista á rua Abilio e avalie do vulto dos que já estão empregados apenas no Studio de Cinédia. — Nesse dia talvez se convença de que *sans tambour ni trompettes*, modestamente, sem cabotismo vae se fazendo alguma cousa, vae se fazendo muito pela implantação entre nós de uma industria que sem favor será das que poderão proporcionar á nossa terra maior somma de proventos.

E com isso desapparecerá, quem sabe? a sua má vontade.

LEILA HYAMS

ROCHELLE HUDSON

MARTHA SLEEPER

MARY KORNMAN

No medalhão Robert Coogan é George Barbier

JACKIE COOPER

MAUREEN O'SULLIVAN

CARMEN SANTOS numa scena de "Onde a Terra Acaba"

No numero 354, de "Cinearte", na legenda da photographia das visitas ao Cinédia-Studio, por um erro typographico, sahiu errado o nome do Dr. José de Sá, director e redactor-chefe do "Diario da Manhã", de Recife. Aqui, portanto, a necessaria rectificação.

+ + +

O "Diario da Tarde", de Recife, do dia 17 do corrente, commemorando o seu anniversario publicou uma edição especial, que entre outras cousas agradaveis, salientava-se uma farta propaganda em pról do Cinema Brasileiro.

Por isso mesmo, "Cinearte", sente-se mais satisfeito ainda, ao enviar os nossos cumprimentos áquelle collega da imprensa nordestina e não deve ser esquecido tambem o nome do nosso amigo Alcides Pimentel, figura de relevo do meio Cinematographico recifense, das que mais tem procurado difundir o noticiario e publicidade do nosso Cinema, na capital de Pernambuco.

+ + +

No numero passado tivemos occasião de falar detalhadamente da actividade que vae no Cinédia-Studio e das novidades que teremos breve, para a apresentação dos primeiros Films falados.

Esquecemo-nos de falar nos trabalhos finaes, de laboratorio, do Film recem-terminado — "Ganga Bruta" — cujas copias estão sendo ultimadas e cuja estréa deverá realisar-se, talvez, mais cêdo que se suppunha... Já está em estudo a data da "primeira" do Film, que vae constituir, sem duvida alguma, um grande acontecimento, na historia do Cinema Brasileiro, não só pelas qualidades que o Film vae revelar ao publico, como ainda pela sessão especial, que será uma verdadeira surpresa e apresentará um aspecto differente de todas as "primeiras" de Films brasileiros até agora realisadas no Rio...

Durval Belline durante a Filmagem de GANGA BRUTA" da Cinédia.

Cinema Brasileiro

O programma já está delineado e de sua execução vae ficar encarregado uma conhecida figura literaria carioca, cujo nome ainda não podemos divulgar... E por hoje, ainda podemos adeantar que "Ganga Bruta", será, provavelmente estreada num dos maiores e mais elegantes Cinemas da Cinelandia...

A Senhorita Paulina Mobarah, recentemente eleita Rainha da Colonia Syria Libaneza, do Rio, tambem tem um pequeno papel em "Onde a Terra Acaba", de Carmen Santos.

+ + +

RAUL ROULIEN. — Como se sabe, Roulien já terminou o seu Film "O ultimo varão sobre a terra" e já começou o segundo do seu novo contracto que é "Primavera en Outoño" com Catalina Barcena, Antonio Moreno, e provavelmente Luana Alcaniz. Neste Film o seu papel é de um brasileiro. Elle faz um attaché diplomatico brasileiro em Madrid. Ambos os Films são falados em hespanhol e em ambos Roulien é a figura principal.

A Universal emprestou Lew Ayres á Fox para o Film "State Fair". E vejam só o elenco deste Film: Janet Gaynor, Will Rogers, Sally Eilers, Spencer Tracy, Norman Foster, Louise Dresser e Frank Craven!

Warner Oland, Louise Closser Hale e H. B. Warner estão no elenco do novo Film de Ramon Novarro para a Metro — "Son Danghter". Helen Hayes é a "leading-woman" e o director é Clarence Brown!

HOLLYWOOD DESEJA FELICIDADE AOS
LEITORES DE "CINEARTE"...

CARL LAEMMLE.

O PRESIDENTE DA UNIVERSAL A "CINEARTE".

Universal Pictures Corporation

Universal City, California

Dezembro de 1932

CARL LAEMMLE
PRESIDENT

À CINEARTE

Começa um anno novo. Se permittis uma observação, de uma pessoa que já passou vinte e seis annos na industria cinematographica, 1933 parece a mim o anno mais promissor que até hoje antevi.

Tenho testemunhado muitas altas e baixas nesta industria. A Universal tem encontrado não poucas tormentas - mas conseguiu sempre vencel-as.

Estes dois ultimos annos tem sido uma prova ardua; tem sido uma experiencia para todos nós - productores, exhibidores e distribuidores. Mas nós, os membros da industria cinematographica, orgulhamo-nos da maneira com que a industria tem resistido ao mais desastroso periodo que jamais vi.

Estes dois annos tem sido para todos nós uma grande e util lição. Ficamos sabendo que a industria cinematographica não é nenhuma fada prodigiosa. Não é uma inexhaurivel mina de ouro. A parte commercial precisa ser dirigida tão economica e scientificamente como qualquer outro negocio. Felizmente, temol-a agora nesta base.

Outra coisa aprendemos é que de todos os negocios, o de cinema é o unico em que os custos de producção não podem ser reduzidos com justiça ao producto e ás grandes massas de publico, no mundo inteiro, cujo unico passatempo e distracção são os films. Tivemos que achar outros meios para fazermos face ás condicções actuaes. Não temos reduzido um só dollar no custo dos films propriamente, e notamos que todo anno nos tem trazido mais facilidades, mais expansão de vista e mais adaptabilidade á technica do Cinema falado.

E por estas razões que enfrento o vigesimo-primeiro anno das producções UNIVERSAL com tanta confiança, tanta alegria e tão boa disposição. É minha sincera esperança que a industria cinematographica no Brasil e os milhões de frequentadores de cinema nessa grande republica terão em 1933 o anno mais feliz, mais proveitoso e aprazivel.

Bom sei que todos vós estaes satisfeitos com a volta do sr. Al Szekler, que tem sido sempre lembrado pela sua rectidão, genialidade e sympathia nos problemas internacionaes de cinematographia.

Por intermedio do sr. Szekler, ou a mim directamente (em Universal City), peço-vos que me communiqueis que especie de pelliculas desejaes que a Universal produza para vosso deleite. Durante toda a minha vida tenho sido bom ouvinte; tenho procurado ouvir a todos que me dão idéas e suggestões. O que ouço, applico ás producções da Universal.

Em conclusão, apresento meus votos de gratidão a CINEARTE , por esta opportunidade para desejar á industria e aos frequentadores dos cinemas do Brasil um anno novo prospero e feliz !

Carl Laemmle

"Madame e seu chauffeur"

"Dr. Karlov"

DOIS CONTRA O MUNDO (Two Against the World) — Film da Warner Bros. — Producção de 1932 — (Programma First National).

O thema é velho e muito explorado: — a irmã que se sacrifica pela outra, casada, prejudicando-se mesmo aos olhos daquelle a quem ama. E' um final feliz.

Mas... Constante Bennett, felizmente para nós, não faz Films vulgares. Segundo Neil Hamilton, em entrevista que concedeu á uma revista americana, Constance olha pelo Film todo, no mais simples detalhe. Reconheça-se que tem bons olhos esta nova Marqueza de la Falaise!

De vulgaridade e salva-se o Film por varios motivos. Um scenario bem urdido, bons motivos de Cinema animando suas sequencias e todas ellas suave e intelligentemente ligadas pela direcção harmoniosa de Archie L. Mayo. Um elenco coheso e bom. A photographia gonita de Charles Rosher. E Constance Bennett. Principalmente Constance, que é um amor de pequena! Elegante, deliciosamente antipathica, fina, meiga na sua indifferença de narizinho quasi arrebitado. Um conjuncto de imperfeições perfeitas que fazem um todo que os olhos não cançam de olhar...

Estes quatro motivos, sustentados com certo talento pela direcção de Archie L. Mayo (e reparem nelle na scena final, quando apparece como empregado do restaurante), fazem do Film (mesmo com mais um tribunal para variar...) um passa-tempo agradavel. Além disso ha os vestidos, o pyjama delicioso, tudo quanto cobre o corpo de Constance, que deve ser mais branco e mais macio do que o arminho.

De elegancia em elegancia, de futilidade em futilidade, aqui uma boa observação (o dialogo entre Constance e Neil, na sequencia no escriptorio delle, diante daquella mulher do povo da qual Neil é advogado), ali uma sequencia dramatica agradavel e tudo, em summa, suavemente encadeado para agradar a quem veja o Film. Eis em summa o que elle é.

Depois de Constance, que domina sem restricções, Neil Hamilton, sincero e bom dentro de seu papel. Gavin Gordon, que depois de ROMANCE, ao lado de Greta Garbo, nada mais fez de aproveitavel, surge como villão. Helen Vinson é bonita. A's vezes lembra Leatrice Joy... (que saudades!) Allen Vincent, Alan Mowbray, Maude Truax, Walter Walker, Hale Hamilton e Roscoe Karns, figuram.

Podem ver. E' um Film cheio de futilidades, mas muito bem feito.

Cotação: — BOM.

MADAME E SEU CHAUFFEUR (Downstairs) — Film da M.G.M. — Producção de 1932.

Na maioria das vezes ninguem sabe ao certo o que é que se passa na vida intima de Hollywood, particularmente no que concerne á sua organização de producção. Escapa um escandalo entre as malhas do segredo e o mundo todo goza-o. Mas é quasi impossivel dar-se o mesmo com um motivo "particular" do "bureau" central desta ou daquella companhia productora...

Eis porque a gente fica scismando, scismando e não atina com a razão pela qual John Gilbert tem sido preterido, rebaixado, quasi humilhado dentro do "lot" ao qual pertence.

Com Irving Thalberg não é. Dão-se muito bem, visitam-se, estimam-se. Será com Louis Mayer? Com Nicholas Schenck? Com quem?...

O facto é que depois do Film falar, jamais teve elle uma "chance" que se possa chamar de realmente boa. Duas unicas salvam-se: — O DESTINO DE UM CAVALHEIRO e este. Os demais foram agua de barrella.

E elle tem talento. Já dirigiu. Fez scenarios. Lembram-se de O ULTIMO DOS MOHICANOS, o Film com o qual Clarence Brown estreou ao megaphone, dirigindo para Maurice Tourneur? O scenario era de John. E provou ser artista fóra do commum. Se outros exemplos falhassem — O GRANDE DESFILE, A CARNE E O DIABO, A VIUVA ALEGRE — LA BOHÊME — teriamos aquelle em que seu papel foi além do magistral: — MASCARAS DA ALMA. E um artista assim não deve ser humilhado com um HIS GLORIOUS NIGHT (que felizmente não vimos...), menosprezado com um MARUJO AMOROSO, desacatado com um PHANTASMA DE PARIS e reduzido quasi a zéro com LONGE DA BROADWAY... E' injustiça e castigo excessivo para quem já deu tantos lucros para a fabrica.

De toda fórma, MADAME E SEU CHAUFFEUR é seu penultimo Film neste contracto. Depois não sabe ninguem o que elle fará. Naturalmente deixará a M.G.M. ou ficará em situação differente. O exacto é que não continuará perdendo RED DUST, como aconteceu recentemente e nem deixando que lhe arrebatem opportunidades como a de GRAND HOTEL, que era sua e não de John Barrymore. E sou daquelles que crêm que John Gilbert em dois optimos Films volte totalmente ao successo dos seus radiosos primeiros tempos. Para a voz ninguem póde mais appellar. A delle é optima! E' ou ficou, não sei e nem isto importa.

MADAME E SEU CHAUFFEUR, historia delle com scenario de Lenore J. Coffee e Melville J. Baker, deve agradar. Mais ao publico que gosta do realismo do que áquelle que aprecia a delicadeza e finaes felizes. Para os que reclamam que Hollywood só faz cousas artificiaes e falsas, MADAME E SEU CHAUFFEUR responde com varias scenas em que John Gilbert surprehende a platéa com ousadias "sonoras" verdadeiramente de embasbacar... E tambem tira cêra dos ouvidos e limpa na camisa... E esta é exactamente a parte desagradavel do Film. Aquillo que a gente faz desde pequeno e que mamãe ou papae já disseram que é "falta de educação", causa mal estar quando mostrado assim em publico. De toda fórma, não é o peor do Film. O peor são as fusões de novo trocadas por leques magicos, rodelas muito engraçadinhas mas erradas e varios outros "fricotes" que jamais deveriam estar tomando o logar do unico meio certo de fazer Cinema: — a fusão. E os motivos do scenario são bons, ligações optimas, Cinema em quantidade pelo assumpto todo.

O Film agrada particularmente pela restituição, ao publico, de um John Gilbert em parte o mesmo dos outros tempos: — impetuoso, ardente, sincero e bom artista. Falha nos pontos citados e em alguns outros onde o scenario carece de velludo. Mas ha momentos optimos e scenas boas que não são optimas porque o director Monta Bell ultimamente anda perdendo o talento que demonstrou ter no inicio de sua carreira. A sequencia em que John leva Virginia áquella taverna, quando regressam do "bota fóra" dos patrões e de Paul Lukas que foram á pescaria, é fraca quando podia ser magnifica. Mas ha bons momentos. Quando Virginia Bruce revolta-se contra o marido, por exemplo. Quando John a seduz com um diluvio de palavras quentes e apaixonadas. O Film todo é interessante. Mas não é perfeito. Dá a mesma impressão de se estar lendo um bom romance ao qual faltam folhas... E' incompleto.

A TELA EM

Mas é o melhor Film de John depois do Cinema falado e o unico que se póde citar dentro de sua grande lista.

Monta Bell foi mais feliz dirigindo-o num genero mais ou menos identico em ONDE OS CAMINHOS DO AMOR SE CRUZAM. E em materia de Film sincero, este é dos primeiros. O cynismo de John era melhor e menos sordido. Lembram-se? John devia ter dado o seu argumento a outro director. Jack Conway, por exemplo. Monta anda muito differente.

No elenco, depois de John, Virginia Bruce, sincera e meiga num papel, ao seu feitio. Ella lembra Vilma Banky, com menos belleza e menos "it". Paul Lukas, sem bigode, sem a Paramount, differente e muito bom tambem. Sabe um pouco da rotina. Está a proposito para o papel de mordomo que tem no Film. Olga Baclanova tem pouca "chance". Seu marido Nicholas Soussanin apparece numa "ponta" como seu... amante. Hedda Hopper, Bodil Rosing, Otto Hoffman, Lucien Littlefield (rouba uma sequencia com uma bebedeira) e Marion Lessing figuram. E Reginald Owen, tambem. Karen Morley apparece no final, inesperadamente, numa sequencia feita de encommenda. Preparam o "climax", com Otto Hoffman abrindo aquella torneira e depois mudam o final, não deixando mais John afogar-se...

Vejam. Mas deixem os pequenos em casa.

Cotação: — BOM.

MANDAMENTOS ESQUECIDOS (Forgotten Commandments) — Film da Paramount — Producção de 1932.

Todo processo extremado de combate é im-

productivo. Qualquer inculto vê, atravez o excesso, o ridiculo da paixão aggressora e não surte effeito algum o diagnostico applicado. Sermões violentos não convencem. Discursos incendiarios não animam. Livros apaixonados não corrompem. Credos facciosos não vão avante. A subtileza vence. O processo "finge que não quer mas quer", é o certo. Mansamente, delicadamente, sem que a gente sinta... Assim é que se faz.

Em livros, em sermões, em discursos, em Cinema.

Eis porque MANDAMENTOS ESQUECIDOS, de lado sua imperfeição technica, é um "sermão" pregado no deserto, sem intelligencia alguma, sem subtileza, sem idéas. Um Film dirigido por dois cavalheiros que são, Cinematographicamente falando, duas nullidades e tendo como unica cousa sensata a photographia, do mestre Karl Struss.

Como Film de combate ao communismo, MANDAMENTOS ESQUECIDOS é uma comedia. As idéas de Marx, as de Lenine, mesmo as de Stalin, são amplamente conhecidas pelo mundo, hoje, para que se as combata com um Film apaixonado e falso como este o é. Nada do que apresenta é verdadeiro. O caso daquelle "divorcio", por exemplo. Se alguem der credito áquillo, crerá, consequentemente, que na Russia todo mundo é idiota, porque aparte o lado amoral da historia, ha a falta de cerebro e isto é justamente o que não falta á Russia dos nossos dias...

Com esse caracter extremado, o Film não consegue seu desideratum. Acceite este ou não acceite a idéa socialista ou communista, pouco importa: — não acceitará o Film. Porque é insincero e faccioso. E' um episodio falso gerado por capitalistas e burguezes que pensaram desta fórma arrazar as theorias e os partidarios de Marx ou Lenine. Mas contra monumentos é inutil atirar pedrinhas...

Falso tambem é o aspecto religioso que o Film apresenta. Não ha a cohibição violenta contra a religião que suppõem. Nada daquillo é sincero. E' possivel e mesmo logico que a theoria avançada tenha seus erros. Mas o combate aos mesmos, se feito, deve ser dirigido com subtileza e talento. TURBILHÃO DA METROPOLE, por exemplo, é um Film socialista. Onde se vê a theoria pregada incendiariamente? Em sequencia alguma! Vem junto daquella massa de gente a soffrer e a curtir e não se salienta com arrebatamentos facciosos importunos e inconvenientes. Aquillo, sim, é pregar theorias.

REVISTA

E o Film, politica áparte, é fraco. Louis J. Gasnier, a gente sabe disto, vale pouco mais do que nada. Nos seus aureos tempos fez, para a Preferred, alguns Films razoaveis e nada mais. Depois cahiu na vulgaridade e agora nem sei como a Paramount tolera-o num quadro onde figuram Ernst Lubitsch, Rouben Mamoulian, Wesley Ruggles e Josef Von Sternberg. O parceiro de Louis, William Schoor, quem o conhece?...

O scenario de James B. Fagan e Agnes B. Leahy, apresenta uma Russia imaginada, visivelmente, com máu humor... E ambos são tambem fracassos no genero que tem Howard Estabrock, Ernest Vajda, Hans Krally e Frances Marion...

O elenco, Sari Maritza aparte, é commum. Esta pequena tem aquella "chamma sagrada" que faz as grandes "estrellas". Ella tem um riso de ingenua sob uns olhos de peccadora. Seu corpo é bem feito. Suas mãos são lindas. Toda ella grita sensualismo. Ella, sim, é a verdadeira "revolução" do Film... E não é atôa que a Paramount anda agora pouco ligando ao facto de Marlene deixar ou não deixar seus elencos... Ella é uma razão para a gente assistir ao Film. Os demais, Gene Raymond inclusive, desagradam. Numa epoca em que os morenos estão voltando (George Raft, por exemplo), esse negocio de cabellos loiros é desvantagem. Marguerite Churchill é uma ingenua estylo Vivian Martin em 1919, lembram-se? Irving Pichel já está cançado. Começou agradando pela voz que tinha. Depois, por um papel bom ou outro regular.

Edward Van Sloan, Harry Beresford, Allan Fox, Cording, figuram.

Intercallado, o trecho biblico do OS DEZ MANDAMENTOS de De Mille. Ainda bom, apesar do tempo. Apenas a pintura de Charles De Roche é que estraga. Mas os episodios grandiosos continuam esplendidos. De Mille é um talento, incontestavelmente! A intercallação é apenas para preencher a metragem, mas apesar disso é um outro motivo para se ver o Film.

Cotação: — REGULAR.

IGLOO (Irloo) — Film da Universal — Producção de 1932.

CONGORILLA, IGLOO, CONGO, etc., pertencem a uma sorte de Films que Hollywood faz para estes cavalheiros que usam "pince-nez" e lêem Camões num seculo em que Pittigrilli já está ficando "passadista"... E a "classe" é grande no mundo. Se não fosse, Hollywood não se importaria com elles...

E o facto é que o prestigio do "pince-nez" na epoca dos oculos de aros de tartaruga continua. Aqui temos IGLOO. Historia passada entre esquimáos. Com Sari Maritza ou Jean Harlow, perdidas naquellas regiões, Clark Gable ou Johnny Weissmuller como exploradores e mesmo Jack Holt e Ralph Graves... a historia teria outro feitio. Mas com nativos... Para caras feias basta já as que a gente vê nos bondes e pelas ruas da cidade... E, o que é peor, exhibido em Dezembro, IGLOO transforma-se em tormento. Imaginem: — ventiladores funccionando dentro do Cinema minusculo; programma servindo de abanador; transpiração por todos os póros; inferno authentico! E na téla um Film dos gelos eternos... A gente inveja nem que não queira. Aquelles cavalheiros, quando querem, tiram uma lasca da casa e têm um sorvete. E nós?... Acho que mais por isto achei o Film exaggero.

Ewing Scott fez o que lhe foi possivel. O publico que aprecia o genero bateu palmas. Mas confesso que eu não sou desses. IGLOO para mim foi um... gelado. E nada mais. A cotação é pelo valor documentario, principalmente.

Cotação: — BOM.

DOIS SEGUNDOS (2 Seconds) — First National — Producção de 1932.

Um dos melhores Films de Edward G. Robinson. E um dos seus melhores trabalhos, tambem.

Um bom thema, bem aproveitado por Mervyn Le Roy.

Vivienne Osborne é a heroina de Robinson.

As duas primeiras partes, entretanto, são dois homens a conversar, montados numa viga de um arranhacéo em construcção...

Cotação: — BOM.

RADIO PATRULHA (Radio Patrol) — Universal — Producção de 1932.

Mais um Film de "gangsters", para mostrar como trabalha a policia americana aproveitando o radio Lila Lee, Robert Armstrong, Russell Hopton, Andy Devine, June Clyde e outros formam o elenco.

Um Filmzinho de certo valor, esplendidamente scenarizado e muito bem dirigido por Edward L. Cahn.

Cotação: — BOM.

O MALFEITOR DO TEXAS (The Texas Bad Man) — Film da Universal — Producção de 1932.

Tom Mix está fazendo uma boa serie de Films para a Universal. Boa para a platéa que o admira, é logico. Pequenos enthusiasmados por correrias e soccos, rapazes que admiram aventuras, gente que ainda não se cançou de ver o heroe arrebatar a pequena a murros das mãos do villão que tem todos os instinctos máus do mundo em si. Para estes, a série de Tom Mix, para a Universal, está sendo deliciosa. Para a platéa Clarence Brow, Frank Borzage ou Ernst Lubitsch, no emtanto... Bem, fiquemos por aqui.

Neste, Tom Mix é um e faz-se passar por outro. Só para despistar e conseguir apanhar o villão com a bocca na botija... E consegue, sim! Lucille Powers é a pequena. Willard Robertson e Fred Kohler os piratas. Joe Girard, Franklin Farnum, Slim Cole, Theodore Lorch, Dick Alexander, Edward J. Le Saint e James Bustis no elenco.

Jack Cunningham escreveu o argumento, scenarizando-o tambem. Dan Clark operou e Edward Laemmle dirigiu.

Cotação: — REGULAR.

DR. KARLOV (Drums of Jeopardy) — Tiffany — Producção de 1931. — (Programma Matarazzo).

Warner Oland outra vez como chinez e depois de "Expresso de Shanghai" é que não se o atura mais neste papel, embora tambem não tivessemos gostado muito delle nesse Film de Marlene.

June Collyer, Wallace Mac Donald (ainda!) George Fawcett e outros figuram neste Film desinteressante da Tiffany.

Direcção de George B. Seitz.

Cotação: — REGULAR.

CONGORILLA (Congorilla) — Fox — Producção de 1932.

Mais um Film do celebre casal Johnson. Já é tempo de deixarem os selvagens africanos em paz...

Richard Maedler foi o operador.

Cotação: — REGULAR.

"Radio patrulha"

"Malfeitor do Texas"

A MARAVILHOSA HOLLYWOOD QUE EU CONHEÇO

(De Gilberto Souto, representante de Cinearte em Hollywoo).

ESTA historia — meus caros leitores — foi éscripta com o coração de **fan,** para ser lida e sentida por vocês todos, que eu bem o sei, são **fans** tambem! Aos outros não interessa, nada diz, nada conta, podendo até parecer despida de attractivos, mas vocês que perguntam o endereço das estrellas, que acompanha a carreira do seu predilecto e que não perdem um Film da Garbo ou da Norma Shearer... vocês é que poderão apreciai-a e para vocês, unicamente, é que a escrevi!

ooooOoooo

Os amantes da pintura vão á Europa e procuram os museus do Prado ou do Louvre e, lá, correndo suas galerias famosas, se deleitam com as obras primas dos mestres do pincel; os que se interessam pela architectura e pelos monumentos que os antigos legaram, param horas inteiras deante da maravilha das cathedraes gothicas e admiram, no seu menor detalhe, o rendilhado de suas fachadas, as suas rosaceas e suas agulhas que parecem furar as nuvens... os afficionados á litteratura, aos classicos, gostam de folhear primitivas edições, manuscritos, papeis amarellecidos pelo tempo e estes são encontrados pelas bibliothecas de conventos e institutos, espalhados pelos quatro cantos da velha e civilizada Europa!

O crente e piedoso não quer morrer sem ter visitado a Palestina, seus logares sagrados; depois de ter beijado a pedra do Santo Sepulchro e ter feito, contricto, cheio de fé, a Via Sacra, subindo as ladeiras ingremes e as viellas tortuosas das ruas, onde, ha 1932 annos, dominavam os romanos guerreiros, senhores orgulhosos da sua força e da sua cultura!

Por isso... caros leitores, os que vêm a Hollywood sómente procuram ver e sentir Cinema. E' a nova mecca dos religiosos e fanaticos da arte das imagens; uma peregrinação á cidade das estrellas! Ver os Studios, de onde sahem as maravilhas da nova arte!

Percorrer Beverly Hills e Malibu e, nos logares aristocraticos da cinelandia, vêr a casa onde mora essas creaturas tão lindas, tão bellas, tão fascinantes... e entrar e almoçar no **Brown Derby**, e ter ao seu lado Bebe Daniels ou o Wallace Beery. Dansar no **Cocoanut Grove** e sentir a mesma alegria que traz um sorriso bonito aos labios de Janet Gaynor ou que ainda torna mais brilhantes os olhos tão bonitos de Joan Crawford...

Hollywood é para ser vista e sentida pelos olhos dos **fans,** com o mesmo fervôr e crença dos que vão a Palestina, ao Prado, ao Louvre, ás bibliothecas sombrias e empoeiradas dos vetustos conventos dos benedictinos! Não ha differença alguma! Dentro de sua esphera, cada um dos que se deixam dominar por uma paixão, um fanatismo — são eguaes — **fans,** todos elles!

Quando eu deixei o Rio e tomei o destino de Holywood trouxe dentro de mim esse desejo incontido, soffucado durante muitos annos, desde os bancos do collegio — vêr e admirar os astros de Cinema. Era **fan,** desde os primeiros tempos que o Cinema começou a me dominar... **fan,** no dia em que parti... **fan,** ao pisar o solo de Hollywood, pela primeira vez... e continuo, mais do que nunca, a ser um **fan,** depois de ter vivido um anno, na cidade das estrellas!

Esta é a razão de estar, aqui escrevendo esta chronica para **Cinearte** — chronica que faço directamente aos leitores, como signal de reconhecimento pelo interesse e apoio que têm dado ao meu trabalho, desde que iniciei a minha actividade com esta esplendida revista.

Hollywood não me deu ainda um desengano — pelo contrario, dia a dia, as sensações são novas, maiores, mais deliciosas, mais cheias de sabor.

Concordo que Hollywood póde decepcionar a certas pessoas — mas estas não estavam preparadas, não podiam sentir o interesse, o lado curioso, attrahente que a cidade do Cinema offerece.

Só os que vêm Cinema, a muito tempo, que conhecem as suas figuras, desde os nomes mais famosos ao mais humilde comparsa, á figura de segundo plano, que faz pontinhas e pequenos papeis — só estes podem sentir o lado verdadeiro, unico, de Hoolywood.

Com que prazer eu percorro as suas ruas, as suas avenidas, o **Hollywood Boulevard** — essa vitrine, onde estão expostos os mais legitimos representantes do Cinema, esse Cinema que interessa ao mundo inteiro, que domina os cinco continentes, que estende os seus tentaculos desde as capitaes mais cultas e mais civilizadas aos rincões mais longiquos no interior de todos os paizes.

Hollywood é um novo eden — de belleza sem par! Já pela sua natureza previlegiada, sempre aquecida por este sol dourado desta California encantadora, já pelo seu lado espiritual... a visão das figuras que se movem na téla de prata de milhões de Cinemas, espalhados pelo mundo!

Ruth Clifford

Fans, que me lêm, que diriam se morassem numa rua e tivessem por vizinhos — a Arletta Duncan, graciosa, fascinante na sua belleza quasi infantil... se eu lhes contar que na mesma casa de appartamentos, onde resido, tambem vive a Mary Korhnnan, linda, que me dá um **bom dia,** todas as manhãs, envolto no seu sorriso mais lindo!.

E... o Monroe Owsley mora aqui em frente e o seu automovel, todo branco, está sempre parado á porta do Castle Argyle... mais acima, no alto da colina, Johnny Arledge, aquelle que fez o irmão de Una Merkel, em **Papae Pernilongo,** reside num elegante bungalów, de onde se descortina Hollywood, lá em baixo...

E, todas as manhãs, me encontro com o Mathew Betz... Lembram-se delle? Foi aquelle marido grosseiro que queriam dar a Fay Wray, em **A Marcha Nupcial**, aquella obra inesquecivel de Von Stroheim. Recordam-se delle? Sempre a fazer villões, sujeitos de máus bofes... e, entretanto, o vejo sempre, pacatamente, a dar o seu passeio matinal com os seus dois **scotish terriers** de pello eriçado !

E o Brandon Hurst, esquecido por todos, passa, sizudo, pensando, com o olhar perdido no passado quando era um nome popular e um grande artista!

Elle passa por mim — e eu sei quem que elle é... Sou **fan,** recordo-me dos seus passados papeis e das suas interpretações. Que satisfação maior do que ir a um theatro — assim uma especie de Theatro de Brinquedo, do meu amigo Alvaro Moreyra — e lá rever, no palco, ainda bonita, elegante e cheia de encanto — a Ruth Clifford, dos velhos tempos, aquella que tanto foi amada por Monroe Salibury, nos seus Films estupendos para a desapparecida **Bluebird.**

E' nisto que reside uma das maiores satisfações que Hollywood proporciona aos verdadeiros **fans.** Revêr as suas figuras queridas; vêr em carne e osso, os artistas que lhes deram sensações, momentos, que ficaram para sempre gravados na memoria.

Fui falar com Ruth Clifford. Tinha a impressão de estar falando, novamente, depois de uma longa ausencia a uma velha amiga. Como senti o seu sorriso bonito, a sua amabilidade, o seu interesse e a sua gratidão por eu lhe ter recordado Films como o **Martyr Mudo,** ao lado dessa figura que os velhos **fans** jamais poderão olvidar — Monroe Salisbury...!

E — na mesma peça, lá estavam Dorothy Davemport, leading-woman de Wallace Reid, em seus primeiros Films... e, mais tarde, sua esposa e autora daquelles Films, procurando, numa missão de bondade e carinho, combater os toxicos... o terrivel toxico que roubou ao Cinema uma das suas figuras maiores e um dos seus artistas mais extraordinarios! E... Gladys Hullete, tambem fazia parte do mesmo elenco... Lembrei-me della e do seu papel, a ingenua enamorada de Richard Barthelmess em **David o Caçula,** um dos maiores desempenhos de Dick para o Cinema silencioso... E ás emoções são varias — boas, gratas, deliciosas todas.

Agora, o contacto com os astros e estrellas — nas entrevistas que tenho feito. Ainda não tive desillusão alguma. Todos me têm recebido bem — uns na verdade, são polidos, no primeiro instante, por educação... mas, em meio da palestra, são como velhos amigos, conversando mais do que o tempo pedido, saboreando a recordação de seus passados Films, interessando-se pela opinião da revista, pelo successo ou fracasso deste ou daquelle Film. Não podia deixar de ser assim... Seus nomes se revestem de gloria e as trombetas da popularidade gritam sua fama pelos quatro cantos do globo... mas, apesar de tudo isso, elles não deixam de ser humanos!

São creaturas como todos nós — com alma, coração, cerebro e intelligencia. Não podem deixar de ser indifferentes ao interesse de milhares de **fans** brasileiros, uma das parcellas que, somadas, são a causa, a razão unica, dessa mesma popularidade!

Não me posso olvidar do dia em que Neil Hamilton convidou a mim e a Gonzaga para uma regata, durante os jogos olympicos. Na volta, parámos num logar, onde estava realizando-se um concurso de **dansa hora.** Em meio minuto, o publico e os concurrentes notaram a presença de Neil Hamilton. Este foi cercado e os pedidos de autographos se fizeram sentir. Neil attende a todos com aquella mesma sympathia que é o maior caracteristico da sua personalidade.

Ao voltar para junto de nós — elle diz: "Não posso deixar de recebel-os — são elles que pagam o meu salario!"

E, assim, como Neil Hamilton — muitos e muitos outros me têm dito o mesmo, ao receber-me para uma entrevista que, sempre e sempre, tem sido dada de boa vontade e com toda a sympathia.

Ha um anno, resido em Hollywood, e já tenho muito bons amigos. Para não falar em Roulien, o nosso patricio, meu amigo e camarada, companheiro habitual de quasi todos os dias, sympathico, distincto, sempre gentil — para não falar nelle, que sempre é patricio e como eu, brasileiro em terra estranha — quero trazer para aqui os nomes de Tom Brown e seus paes.

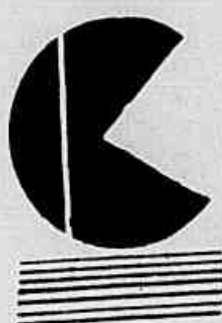
Tom é muito meu amigo e sempre estou com elle; Billy Bakewell, Gary Grant, John Darrow, Wynne Gibson, John Arledge, Neil Hamilton, Lile Talbott, Ben Blue, Ruth Roland, José Mojica e Gavin Gordon — todos estes, posso incluil-os numa lista especial de amizade que conquistei e de que muito me orgulho.

Para um **fan,** Hollywood é como uma caixa de surprezas — cada novo dia é uma emoção nova e diversa. Quantos artistas que ainda não conheço, nem vi... Quantos e quantos ainda espero encontrar e falar. Por isso, o interesse é sempre mantido, a novidade nunca falha... renova-se cada nova manhã, com o levantar do sol...

E... os mexericos que a gente ouve e os casos que a gente pega em flagrante... não fazem parte tambem da curiosidade do **fan?**

Uma noite, bem tarde, vinha eu para casa. Pelo Boulevard, passeando, esquecidos do mundo e das coisas, ia um par... Mãos dadas... Olhares a se trocarem... um verdadeiro romance! Olho-os... talvez pensassem que eu não os conhecesse... mas eu sou **fan** e não poderia deixar de o fazer. Sabem quem eram? Estelle Taylor e Edmund Burns, romance esse que durou algum tempo, enchendo as columnas dos jornaes da cidade das estrellas de **disse-me-disse** e noticias de provavel enlace.

Se eu não estivesse em Hollywood — talvez ahi no Rio, e lesse as noticias escandalosas do suicidio de Paul Bern — haveria de dizer commigo mesmo: — "Pobre homem! Tambem por que se foi casar com aquella mulher perigosa! "E Jean Harlow, pobre e innocente victima, em meio dessa horrivel tragedia, levaria a culpa, como seguramente muitos e muitos lhe deram. Mas, é preciso estar em Hollywood para saberse de toda a verdade sobre este caso. Um mysterio, realmente, envolveu toda a tragedia, mas Jean em nada, em nada absolutamente contribuiu para isso. Tanto é que o Studio, onde Paul Bern era querido e estimado continúa a preparar novas historias para a formosa

(Termina no fim do numero).

USTA a crer que muitos dos grandes nomes da direcção recorram ás farças para se inspirarem.

E' incrivel, mesmo, mas pura verdade. Vi isso, nitidamente, quando entrei uma occasião num "lot" e ouvi, vindos de um "set", gemidos afflictos de um homem, risadas de outros e mais cousas que podiam ser de uma scena de Film ou então de alguma scena desagradavel que ás vezes presenciamos num Studio. Cheguei, cuidadosamente, com medo de occasionar algum atrazo áquelles que me vissem ou ouvissem chegar. Não era scena de Film, mas o que vi poz-me boquiaberto. Era um conhecido director, Mr. X, digamos para não lhe citar o nome, porque não vem ao caso, que impellia um pobre homem para a borda de um precipicio que dava para uma serie de pontas aguçadas. O homem, já quasi na pontinha, proximo da queda que seria fatal, sem duvida, gemia e cada gemido seu era uma gargalhada dos circumstantes que nada faziam para impedir aquillo e muito menos para deter os passos cada vez mais proximos do director attento ao que fazia e de apparencia transtornada.

— Mas por que é que não terminam com esse martyrio? Onde diabo deixaram vocês ahi o sentimento de humanidade?...

Disse ao homem que mais proximo estava, um electricista. O homemzinho voltou-se para mim com a maior feugma deste mundo e disse, sem se demover de sua intenção de ali permanecer apreciando o espectulo até ao fim:

— Ora, o Pete é pago para isso, meu amigo.

— Pago para isso?

— Sim, elle não é pago para outra coisa. Todos os dias vem para cá, quando o director X lhe ordena e no instante em que o homem manda, põe-se ali e faz-se de medroso, embora esteja realmente correndo risco.

— Mas eu não comprehendo, sinceramente...

— Pois olhe que é simples. Elle está na folha de pagamento como "estimulador mental" do director que ali vê apparentemente a tortural-o. O que posso garantir é que elle lá está melhor do que dirigindo caminhão e ganhando muita mais.

— Então elle...

— Sim, elle estimula o cerebro do director.

Não me espantei mais com isso. No dia seguinte vi uma cousa semelhante ou quasi semelhante e então é que comprehendi melhor esse espirito até então para mim desconhecido do "extra" martyr de Hollywood. Um "astro" muito conhecido esperou um "extra" levantar-se da cadeira onde estava sentado, fazendo seu "lunch" e nesse momento puxou sua cadeira. O tombo foi certo e o "astro" divertiu-se immensamente com o pobre "extra"... E dizer-se que o homemzinho ergueu-se, assustado, esfregando a parte dolorida e ainda rindo satisfeito deante da pessoa "importante" que lhe fizera aquillo... Mas se alguem lhe fosse dizer que deixasse a profissão e voltasse ao que era, provavelmente elle diria que vagabundeando pelos trens, como clandestino, levava mais tombos e mais pontapés do que aquillo, um "quasi nada" feito para divertir propositalmente a um "astro"...

E quando acabou a scena, o "extra" olhou o "astro" com inveja e humildade. Este, imponente, approximou-se delle, rindo, rindo muito, poz uma qualquer cousa em sua mão, cousa essa que eu logo vi ser dinheiro e realmente o era. Mas tambem deixou um charuto. Segundos depois o mesmo explodia a bomba que continha, com novas convulsões de riso do "astro" que precisava "reacção mental" e para tanto dava gordas propinas á corja...

Num outro Studio, companhia trabalhando até altas horas, para terminar um Film vi outra cousa edificante deste genero. Um homem, em particular, apparentava cansaço immenso. Seu rosto estava encovado. Soube que sahira do hospital, poucos dias antes, onde soffrera intervenção cirurgica. Seu ordenado, além disso, fôra cortado de quinze "dollars" semanaes para sete e meio e tinha tres mezes de despezas em geral atrazados e uma familia de cinco pessoas necessitadas e congregadas em torno delle. Cansado, encostava-se elle numa peça qualquer inanimada ali ao lado delle. O director, vendo uma opportunidade apreciavel de animar o ambiente, convocou em torno de si os assistentes. Conferenciaram o que não consegui ouvir. Depois vi um assistente approximar-se do pobre diabo, adormecido, com uma enorme lampada numa das mãos e, chegando pé ante pé, soltou-a bem aos ouvidos do mesmo que, com o estouro inesperado saltou com o susto e fez-se pallido e extremamente assustado. A risada foi geral e a alegria moral de todos ali intensa. A piedade correu dali espavorida... Que cousa engraçada... Estimulante mental para o director, para o "unit", para o "astro", e para a "estrella"... E o velho podia ter até morrido, principalmente devido a seu estado de fraqueza mais do que visivel. Mas ainda sorriu, amargurado, profundamente humilhado, mas sorrindo, sempre... Pagavam sete "dollars" e meio a um pobre diabo cheio de filhos e estouravam uma lampada de dois "dollars" e tanto como quem estoura uma garrafa de gazosa barata...

Ha um lado igualmente humano e generoso, um lado totalmente differente deste e tambem em Hollywood. E' o sentimento de solidariedade do "extra" para o "extra". Para um Film de Maurice Chevalier, escolhiam-se "extras". Eram necessarios homens fortes e altos. Uma turma de altos apresentaram-se. Um delles foi escolhido. Quando, satisfeito, contava o feito aos amigos e collegas, um delles commentou sua sorte, dizendo que ha mezes que não trabalhava. O outro promptamente cedeu-lhe o papel e disse: —

— Não me importo, Mike. Você tem familia. Precisa mais do que eu e, além disso, ainda tenho algum para não passar fome.

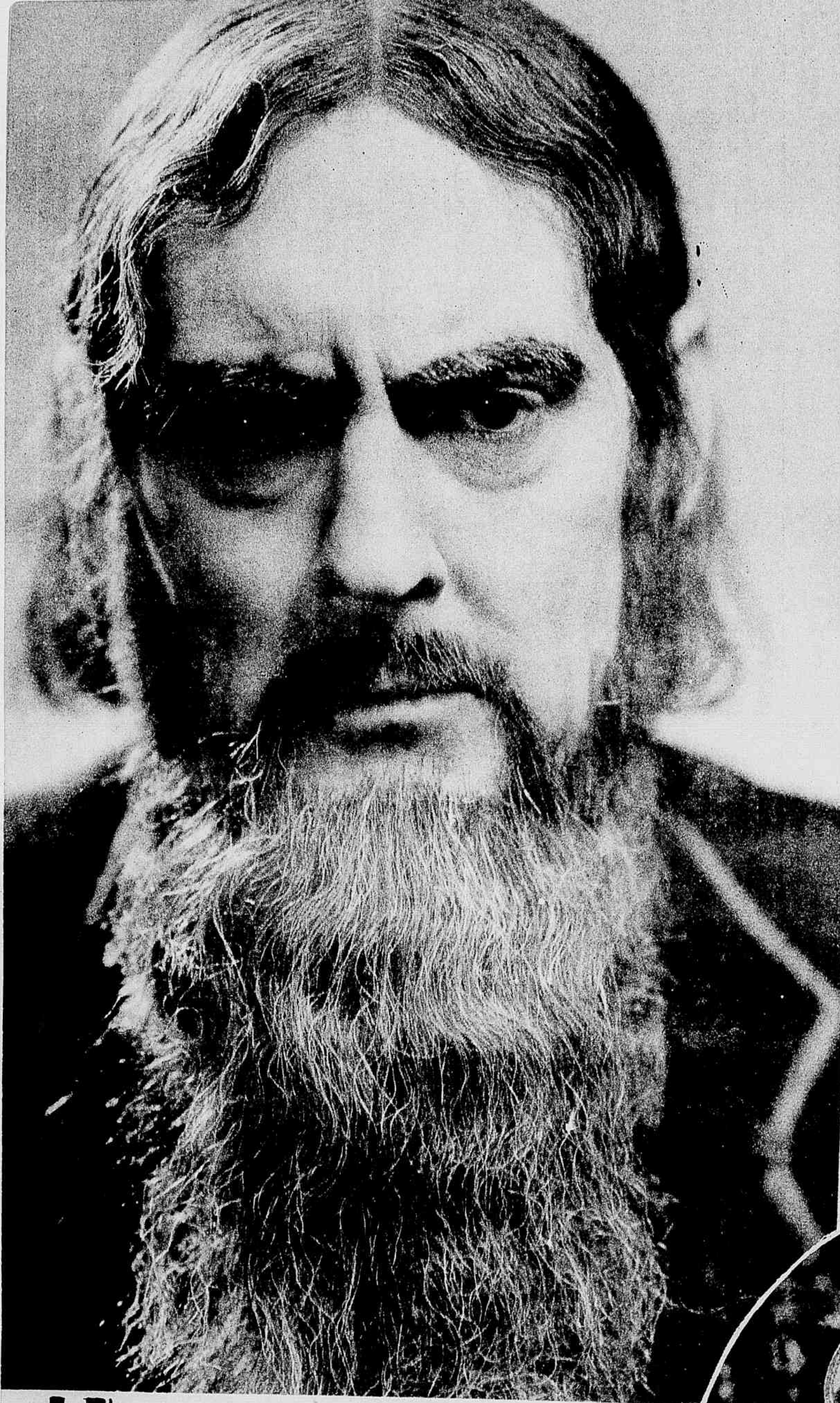
O facto chegou ao conhecimento de Chevalier, como notavel que realmente era.

O "astro" que é talvez um pouco mais sentimental do que os outros, mandou chamal-o e deu-lhe um papel ainda melhor em seu Film. Mas tanto factos como esse são raros, quanto são communs os acima citados. E Chevalier póde ser citado como excepção, mesmo.

Os dias da Inquisição hespanhola, em Hollywood, ás vezes são doces momentos idyllicos comparando. Mas Hollywood tem qualquer cousa esplendida e incomprehensivel que fascina, que arrebata, que domina. E toda essa gente, por mais que queira, não se afasta de Hollywood. Ao contrario: — approxima-se mais!

LIONEL BARRYMORE EM "RASTIN".

RASPU

Reportagem especial em torno deste novo Film da M. G. M., de GILBERTO SOUTO, representante de "CINEARTE" em Hollywood.

HOLLYWOOD, neste momento, presencia a confecção de um grande trabalho. "Rasputin", cujo elenco obedece ás ordens de um principiante. Sobre este ultimo, producção magnifica e que está causando commentarios e despertando uma curiosidade enorme, quero falar.

Todo film tem a sua historia, mas trabalhos como o da Paramunt e este ultimo da Metro — onde apparecem nomes famosos, onde estão sendo empregados milhares e milhares de dollares — têm o seu romance. Hollywood espera "Rasputin" com ansiedade que, ao passar das semanas, vae num crescendo admiravel. Em cada canto se diz sobre este ou aquelle facto — em cada roda se descreve este ou aquelle episodio. E são notas comicas, pilherias, anecdotas que se vão amontoando em torno do trabalho da Metro Goldwin-Mayer que, por seu valor, pela sua historia e, principalmente, por offerecer em seu "cast" os nomes dos tres Barrymores, está destinada a ser um dos maiores exitos da temporada de inverno, a ser iniciada dentro muito breve.

Visitei as montagens de "Rasputin" — assisti á filmagem de scenas maravilhosas, ouvi coisas interessantes sobre o desenrolar dessa producção; fui apresentado á celebre e admiravel Ethel Barrymore — acompanhei a direcção, senti o trabalho desse punhado de nomes conhecidos, sob as ordens de Richard Boleslavsky — agora, colligindo dados, tecendo notas e detalhes, vou dar aos leitores de CINEARTE numa chronica avancada, uma idéa do que será essa grandiosa pellicula.

Para os verdadeiros "fans" — dos que acompanham o movimento de Hollywood, ha mais de quinze annos, o nome "Rasputin", como assumpto Cinematographico, traz memorias. Lembro-me, perfeitamente, de haver visto um Film sobre a vida do "monge negro" e cujo protagonista era Montagu Love, na época dourada da sua carreira da tela.

"Rasputin" — um capitulo cheio de aventuras, mysticismo, superstição, odios, desejos, orgias, ambições — e, finalmente, uma pagina de sangue na vida da Russia soberana caprichosa, amante do luxo, do fausto e das riquezas sem par...

"Rasputin" — lembra o Kremlin, com suas torres douradas e seus vitraes de todas as côres — a pompa da côrte mais rica e mais faustosa de toda a Europa. "Rasputin" traz até nós, essa Russia de antes da guerra, elegante, cheia de defeitos e caprichos.... E' o som das balailakas, as canções dos cossacos, as corridas pelas steppes, o éco das cermonias religiosas, dirigidas pelo Metropolitano de barbas longas e encanecidas... São os amores dos duques, em cujo sangue correm desejos lubricos e paixões desenfreadas!

E o dominio do "monge negro"; a sua supposta cura, levada a effeito no innocente czaravitch, o reconhecimento cego da czarina, a sua ascendencia sobre os soberanos de todas as Russias... os odios que despertou, os ciumes e os zêlos causados pelo seu dominio absoluto sobre os chefes supremos do immenso imperio e — num occaso rubro, a sua morte... Depois a revolução, a onda de sangue varrendo o paiz de todos os lados e a tragedia — o ponto final, o mysterio da historia — o exterminio da familia imperial em Ekaterimburg!

A histria que, dentro de alguns mezes, provavelmente, na proxima temporada carioca, depois do calor passar — do Carnaval exgotar a cidade inteira e das festas da semana santa — os meus patricios vão assistir na tela dos nossos Cinemas — é a chronica da apparição, do dominio e da morte de "Rasputin" — caracter que ainda está envolto em sombras e sobre o qual existem opiniões varias e desencontradas.

Dizem uns que elle era um debochado, outros, porém, affirmam affirmam que elle era sincero nas suas convicções. Um homem rustico e quasi ignorante — mais um producto da sua propria superstição do que de um coração ambicioso, mau e depravado.

O Film, entretanto, nos dará a versão mais commum e popular sobre a vida de "Rasputin" na corte do Czar Nicolau e da Czarina da Russia. A Metro Goldwyn —

Ethel Barrymore de volta a California.

Mayer cercou o Film de todos os recursos. Deu-lhes para "technical adviser", assistente technico, um authentico general do ex-exercito do Czar, Theodore Lodisgensky.

Elle collabora com o director do Film, Richard Boleslavsky, polaco de talento, escriptor de renome, autor do livro "The Way of a Lancer" e, que, durante o tempo em que viveu na Russia, tomou parte activa na vida da capital, sendo um dos componentes da guarda do Czar.

"Rasputin", — quando traçado em plano de Filmagem, estava destinado a Charles Brabin, esse director de pulso, cujo grande ultimo exito, todos recordam, foi "Terra Mater", Charles, porém, após algumas semanas de Filmagem, foi retirado da direcção do Film e esta entregue a um quasi que desconhecido — Boeslavsky, apesar delle ter dirigido Bert Lytell em "Lagrimas de Rainha", da Columbia.

Quem é elle pergunta o "fan", que só conhece e dá attenção para os nomes impressos nas columnas dos jornaes e nas paginas dos magazines de Cinema? A resposta não se fez tardar. Biographias do director surgiram e nella lemos que Richard é polaco de nascimento, tendo vivido a maior parte da sua vida na Russia. Membro do admiravel Theatro de Arte de Moscow, autor de peças, director de scena e escriptor de muito ernome. Veio para os Estados Unidos, ha mais de dez annos. Aqui viveu até agora, pois com o advento do regimen vermelho em seu paiz, preferiu fugir do que continuar a dar o seu apoio á nova instituição.

Estrangeiro na America, escreveu, entretanto, um livro em inglez que está causando furor — é "The Way of a Lancer", onde elle em linguagem simples conta as suas aventuras como lanceiro e relembra memorias de sua mocidade cheia de movimento e excitamento.

Russo, conhecendo a vida do tempo do Czar, tendo visto de perto o "Monge Negro", cercado de auxiliares competentes e praticos, collaborando com livros e biographias, tendo em torno de si um verdadeiro exercito de russos — muitos dos quaes nobre immigrados, após a revolução — Richard Boleslavsky poude tomar sobre seus hombros a tarefa ardua de dirigir um Film importante — e difficil de outro levar a cabo...

FIN...

Porque?

Pela simples razão dos tres Barrymores, no elenco. Outro director teria desistido, desanimado de cumprir tarefa tão ardua. Os leitores de "Cinearte" leram, seguramente, a historia em torno de "Grande Hotel" — as rusgas, as desavenças surgidas durante a sua confecção... Pois, se Edmund Goulding conseguiu dominar aquelle elenco maravilhoso, Boleslavsky é seu competidor — "and HOW!"

John, Lionel e Ethel Barrymore, reunidos deante da mesma lente de uma camera, pela primeira vez. John e Lionel já estavam acostumados a apparecer juntos, pois "Arsene Lupin" e "Grande Hotel" já os haviam apresentado, um ao lado do outro.

Mas, a Metro quiz ir mais longe. Chamou de Broaway, onde domina o theatro americano, a outra Barrymore. Ethel chegou a Hollywood, reuniu-se á familia, chegou ao Studio e — esquecida dos tempos em que posou para os Films silenciosos, nada mais sabia da arte das imagens. Foi um trabalho insano — dias e dias de explicação da technica — tanto mais que com o Cinema falado, os "moveis" ainda mais se differenciaram do tempo do silencio. Ethel, entretanto, preparou-se para o primeiro dia de Filmagem. Os irmãos a esperavam, com medo dos "retakes" das suas perguntas indiscretas e — como é sabido — de uma provavel explosão de genio, dote da familia!

Lionel olhava para John — este, sempre espirituoso, malicioso e disposto e levar as coisas na brincadeira, gostava de atormentar Ethel... Gozava, com gosto as suas perguntas de cabo de esquadra. Ethel ficava furiosa — brigava com John, relembrava seu tempo, ao iniciar a sua carreira no theatro... Lionel, calmo, sempre sereno, pacato — vinha em meio da discussão e intervinha.

Pois, em torno deste Film surgiram anecdotas estupendas, pilherias em torno dos tres Barrymores que aqui vou deixar estampadas, como nota de bom humor em torno de um grandioso Film.

Num dia de Filmagem, já pelas tres horas da tarde, John Barrymore que estava fóra de scena, solta um grito.

"Lionel, Lionel!" — grita elle pelo palco. Lionel, fumando o seu cigarro, com a maxima precaução, por causa das barbas immensas — se assusta com a maneira pela qual John o chamava. Seria um desastre? Teria o maravilhoso perfil do mano John soffrido algum accidente? — Nada disso. John lembrava-se que aquelle dia era o anniversario de Ethel.

Telephonemas, ordens de flores, um immenso bolo chega ao Studio e a companhia se prepara para prestar homenagem á famosa estrella de Broadway.

Ethel recebe as homenagens sinceras dos irmãos e de todos — em meio do intervallo que o director ordenára, Lionel pergunta á irmã — "Ethel, por que motivo não nos disse, de manhã, que hoje era o seu anniversario? A terceira Barrymore responde — "Fiquei com receio que suspendessem a Filmagem e me mandassem para casa..." — responde ella.

John explde em gargalhadas convulsivas. Todos param para olhal-o — o que seria? Teria o "chocolate" subido á cabeça do famoso "Bella Brummel"...?

Lionel e Ethel ficam desconcertados. Finalmente, John exclama: — "Pobre irmã, como é ingenua! Bem se vê que chegou ha dois dias a Hollywood... Não conhece ainda os "executives" dos Studios... *Quando, quando, quando* é que elles suspenderiam uma Filmagem por causa dos anniversarios dos artistas...!"

Tad Alexander, um garoto prodigio, que a Metro assignou por longo tempo, em vista do seu trabalho primoroso nas primeiras scenas de "Rasputin", era o commentario do Studio.

Todos ficavam surpresos pela maneira estupenda por que elle vivia as suas scenas. Os jornaes, então, em pilheria — fazendo graça com os tres Barrymores, escreveram:

"Hontem, em casa dos Barrymores, houve um conselho de familia. Os tres Barrymores resolveram proteger o nome celebre da familia real de Broadway, contra o trabalho primoroso do garoto Tad Alexander... Ethel ordenou um vestido com manas tão largas — typo perna de presunto — e com ellas procurará tapar o mais possivel o rosto do pequenino artista. Lionel disse que, todas as vezes que com elle apparecer, usará das suas barbas longuissimas como obstaculo ao trabalho do pequeno... e John... apenas murmurou — "Eu confio no meu perfil!"

Os tres Barrymore estão reunidos novamente em Hollywood e no Film da Metro Goldwyn "Rasputin". O pequeno John Blyth nasceu na California não está no Film.

E em meio disto tudo — vocês meus caros leitores, bem podem imaginar a tarefa espinhosa que Boleslavsky recebeu da direcção da Metro. Tres Barrymores — cada um delles senhor de um publico numeroso, cada qual possuidor de glorias e fama — e num mesmo Film! Só mesmo um homem de pulso e genial como o é Irving Thalberg, o chefe supremo da producção da Metro Goldwyn-Mayer, tomaria tamanha responsabilidade.

Vocês bem podem ter uma idéa do que é uma familia — tanto no Brasil, como na America — ella se parece. Ha sempre rusgas, briguinhas, factos e coisas a succeder.

Ethel, mais velha, não admittia que John a corrigisse ou dissesse uma palavra; Lionel, sereno, sempre atormentado pela comichão que aquellas barbas pavorosas lhe causavam no rosto, pouco se mettia nas polemicas dos irmãos... Mas, John é impossivel. Sempre viveu mexendo com a irmã—e em certas scenas, quando ella se mostrava mais dramatica e solemne, John soltava uma pilheria!

Mas, com isso não queremos dizer que exista uma rivalidade entre elles — amam-se immenso. Apenas genio, modos de John e de Ethel.

Quando a ella fui apresentado, sem mesmo contar com semelhante honra, Ethel se mostrou de uma amabilidade esplendida. Fiquei contente com a apresentação.

Não esperava por ella, confesso. Havia lido tanta coisa sobre a familia real de Broadway — tinha lido que eram todos importantes, orgulhosos, cheios de convencimento... Mas, que contraste com a creatura que me estendeu a mão, num modo tão affavel, tão sincero, tão bonito!

Ethel não é moça. Deve passar dos quarenta e cinco annos, mas em seus olhos e no seu sorriso estão a nota de sympathia que offerece, aos que com ella palestram. Nota-se no seu rosto mais semelhança com Lionel do que com John, mas deste é o seu perfil. Nos olhos de Ethel encontramos a mesma vivacidade, que lemos nos de Lionel Barrymore.

A montagem era o jardim do palacio do Czar. Ralph Morgan, que representa o soberano russo, trajava a sua blusa de seda vermelha e traje de montar; botas de couro e insignias bordadas na seda da blusa typica dos russos. Ethel trajava uma dessas toilettes de antes da guerra. Vestido longo, mangas muito largas e estufadas e um daquelles chapelões immensos, que eram o tormento de todos os que iam ao Cinema e nada podiam ver...

(*Termina no fim do numero*)

ETHEL E JOHN EM SCENA.

O Apostollo dos extras

HOLLYWOOD, hoje, vive um pouco de seus passados dias de grande esplendor. Vestaes virgens e gladiadores estão pedindo leite maltado e sandwiches no restaurante do Studio, café e bolos tambem. Centuriões de capacetes metalicos formam em linha na hora da chamada para o recebimento dos sete **dollars** do trabalho diario. Martyres christãos, escravos mostrando, na côr, que frequentam assiduamente a praia, matronas romanas e sybaritas mesclam-se com a turba do boulevard. Os Films voltam aos bons tempos.

Os **extras** reencontraram seu apostolo. Cecil B. De Mille está de novo produzindo um grande espectaculo dentro de um Studio, um desses espectaculos que só elle sabe fazer!

Hollywood, hoje, vive um pouco de seus pasados dias de grande esplendor! C. B. está de novo activo e usando as mesmas calças curtas e os mesmos sapatões de couro crú que já ficaram celebres em Hollywood. Os megaphones que os microphones obrigaram a criar poeira, voltam á actividade. Igualmente hordas de assistentes de direcção. Scenaristas, supervisores, desenhistas, todos, ao lado de De Mille, murmuram os mesmos saudosos e adoraveis "yes, Mr. De Mille!!! yes, Mr. De Mille!!! yes, Mr. De Mille!!!", o mesmo delicioso e saudoso "yes", só "yes", a unica palavra que De Mille ouve sem resposta e que prova o quanto vale aquelle cerebro hoje coberto com menos cabellos mas sempre o mesmo grande cerebro que tem sido a magia de tantos Films.

Hollywood, hoje vive um pouco de seus passados dias de grande esplendor Os **extras** já têm dinheiro nos bolsos. Os lobos da fome não mais andam rosnando em torno de lares infelizes. De Mille está Filmando. E quando De Mille Filma, as cousas melhoram em Hollywood. A crise, em Hollywood, deixou de ser aquillo que era...

Quando, em Janeiro, soube-se que D. M. faria **O SIGNAL DA CRUZ,** como seu primeiro Film falado em fórma de grande espectaculo historico, começou a romaria dos necessitados. O telephone de D. M. não fez mais, em dezoito horas diarias, do que attender a milhares de chamados a offerecerem prestimos e nomes. Letras de todas as especies e feitios encheram enveloppes grandes e pequenos, amontoados pelos cantos do escriptorio amplo. As palavras, mais esta, menos aquella, eram sempre as mesmas: — "Trabalho! Por amor a Deus, Mr. De Mille, empregue meus prestimos! Ando passando fome, ultimamente, não tenho mais figurado em cousa alguma!" Outro, em outra carta: — "Minha familia, esposa e filhos, são sustentados pela caridade alheia. Vivemos do prato de sôpa e dos restos de comida que nos dão. Tudo dado! Dê-me a opportunidade de trabalhar e comprar para meus filhos e minha esposa uma codêa de pão que seja fresco e ganho á minha custa!" "Trabalho, Mr. De Mille. Meu filho está doente e não tenho dinheiro para comprar remedio." "Quero um trabalho, nem que seja humilhante, Mr. De Mille, contanto que tenha com que pagar a casa onde moro para que meu senhorio não me despeje."

— Simplesmente contristador, chocante, tremendo!

Disse-me De Mille quando conversavamos sobre essas cartas e tudo isso.

— Onde quer que eu fosse ou andasse, encontrava a meus pés dezenas de supplicas e pedidos de emprego "Não se lembra de mim De Mile?" "Não se lembra de mim, Mr. De Mille, eu trabalhei na sequencia daquelle bar, na primeira versão do **THE SQUAW MAN** que o senhor fez, lembra-se?" "Lembra-se de mim, Mr. De Mille? Sua mãe é que me recommendou ha muitos annos, sabe?" E tudo isso diariamente, sem cessar, desde que souberam que eu volveria á actividade com um grande espectaculo. Escolher **extras** para este Film, para mim, foi tarefa cruel pela primeira vez, confesso. Enfrentei turbas de centenas delles para escolher cincoenta para uma scena de banquete. As expressões, nos rostos daquelles que não eram escolhidos, eram cousas que trariam lagrimas aos olhos, se os meus não fossem absolutamente avessos á isso. Mas era uma cousa dolorosa, tragica, juro-lhe! Acho que Hollywood jamais compilou, em toda sua vida, uma serie de cousas tão desagradaveis e tragicas quanto agora.

— E ainda ha a duvida em todos nós sobre qual delles estará contando a verdade, porque ha tanto typo fingido, nisso.

Acrescentou seu director-assistente, mais proximo a nós. E lembrou um caso.

— Uma pequena, ha dias, notei-a numa roda e não a reconheci entre aquelles que tinha escolhido. Perguntei quem era, mais pelo seu aspecto faminto do que por outra cousa qualquer. Ella me disse que tinha saltado o muro, sem ser vista e que viéra por causa do café e dos bolos que sabia estarem destribuindo aos **extras.** Disse-lhe, para que tivesse direito aos bolos e ao café, que puzesse um vestido adequado para a scena que se iria passar, uma briga numa rua e que viesse, depois de alimentada, que a approveitariamos. Ella alimentou seu estomago cançado. Veio para a scena devidamente vestida e quan-

Ha 17 annos, Lillian Leighton estreou sob a direcção de De Mille em "Joanna D'arc" com Geraldine Farrar e Wallace Reid. Deste então figura em todos os seus Films, e agora em "Signal da Cruz" o grande director não se esqueceu della.

do a mesma começou, retirou-se, calmamente, deixando-me de bocca aberta com o que disse: — "Esse negocio de muitos empurrões não me convem." E sahiu... Estamos usando cerca de cinco mil **extras** differentes na confecção de **O SIGNAL DA CRUZ.** Pense no que isto significa para a Hollywood esfaimada dos dias presentes. Muitos terão algumas Filmagens. Outros, apenas uma... Outros figurarão o Film todo. Tivemos uma sequencia de massacre Christãos eram arrazados pelos romanos. Não imagina a difficuldade para encontrar **extras** para serem christãos e serem "mortos"... Nenhum delles queria, porque comprehendiam que ali terminaria o trabalho delles e isso significava a volta á fome... Ninguem queria "morrer"... e é exactamente por isso que elles querem trabalhar. Até a confecção de um Film tem seus symbolos. Mr. De Mille tem feito o impossivel para ser o mais humano com todos elles e tem distribuido o trabalho numa porção bastante equitativa.

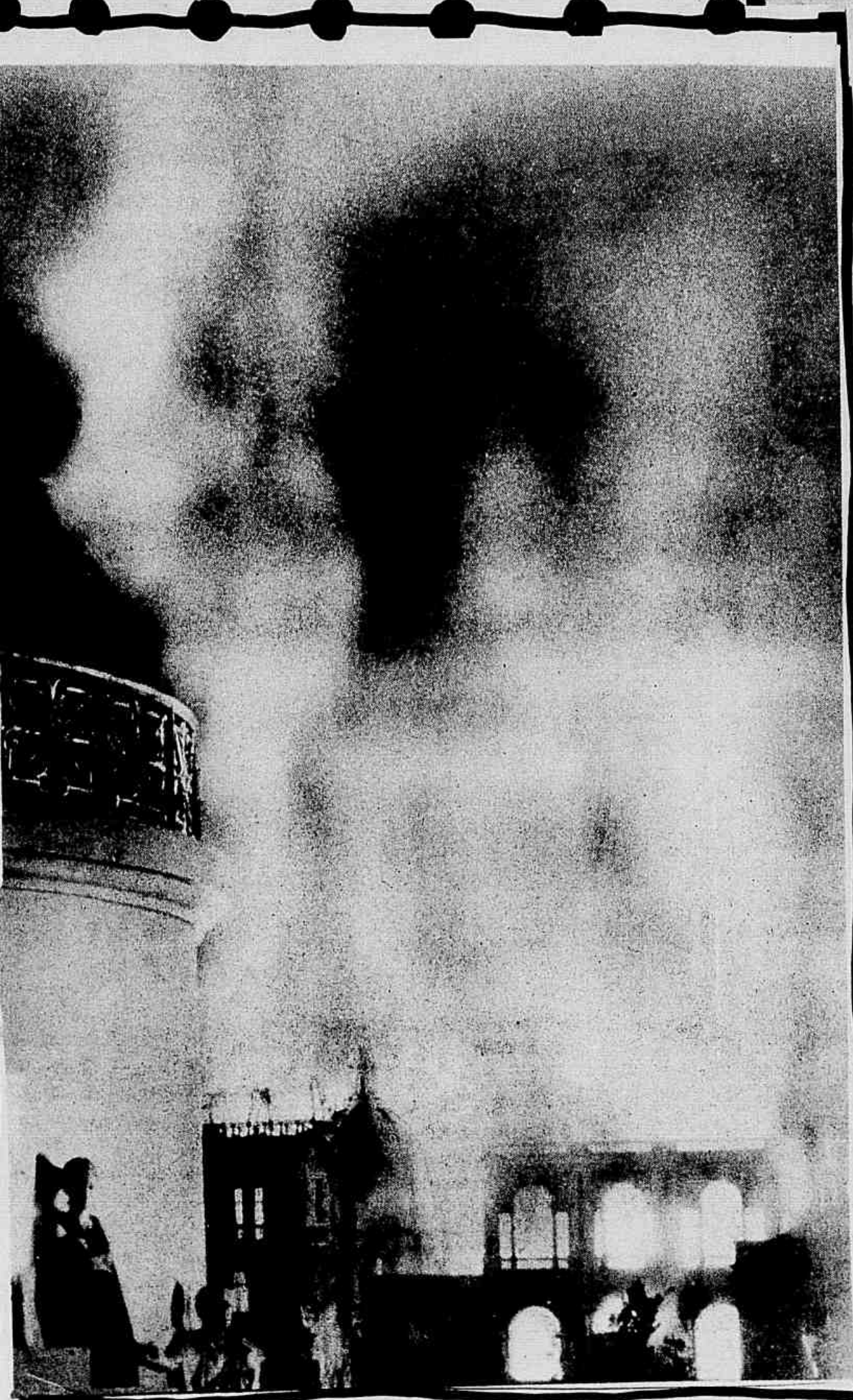
Dissemos acima que os **extras** alinhavam-se para receberem sete **dollars.** Mentimos. Mr. De Mille informou-me que, hoje, pagam apenas cinco **dollars** a um **extra** e que isso mesmo com enorme sacrificio. E lembrar-se a gente que para uma só scena de **OS DEZ MANDAMENTOS** De Mille empregou trezentas pessoas a sete **dollars** cada uma! Muitos delles, casados, hoje arrastam-se na villeza da supplica para terem os magros cinco **dollars** que representam menos soffrimento para a familia e para si proprios!

— Hoje, duzentas pessoas numa montagem é considerado "multidão."

Disse-me um auxilliar do departamento de elen-

Extras

O incendio de Roma, scena do Film "Signal da Cruz."

De Mille, o apostolo dos extras.

cos da Paramount. C. B., no emtanto, permanece fiel aos seus **extras** e por isso é por todos adorado como um authentico apostolo. Quasi os mesmos que figuram em **OS DEZ MANDAMENTOS** figuram neste. Quasi a metade dos que tomaram parte em **REI DOS REIS** estão tambem neste. Um menino que fez o papel de loiro filho de um Pharaó, na primeira versão biblica feita por De Mille, hoje está um rapaz de quinze annos e faz um centurião romano em **O SIGNAL DA CRUZ.**

De Mille tem o capricho de reconhecer — bom physionomista que é — **extra** a **extra** todos quantos já trabalharam com elle e, reconhecendo-os, sempre prefere-os a novos. E muitos delles foram, no passado, figuras de theatro e Cinema famosas...

— Não me importo que publique meu nome entre os **extras** de De Mille.

Disse-me Lillian Leighton, outróra famosa como caricata. (Lembram-se della?)

— Não faria um papel de **extra** para ninguem, nem mesmo que estivesse passando fome, mas nenhum de nós se sente como se fosse um **extra** quando estamos figurando num Film de De Mille. Elle espera que sejamos artistas. Dá-nos scenas onde podemos provar que o somos. Isso é que torna seus Films todos inesqueciveis. Elle sabe apreciar um bom trabalho, tambem. Quando faziamos a sequencia do exodo, em **OS DEZ MANDAMENTOS.** uma das mulheres do nosso conjuncto afastou-se, entre tomadas de scenas, para um pequeno descanço. Quando De Mille voltou, para reencetar, perguntou logo: — "Onde está a mulher que estava naquelle logar ali?" E apontou. Eramos duzentos em scena e elle sentiu immediatamente a falta daquella. Olho de lynce elle sempre teve...

Ha dois annos que os elencos têm sido pequenos para evitar despezas. Procuram trabalhar com elencos os mais reduzidos possiveis. E' por isso mesmo que, hoje, entre os **extras** de **O SIGNAL DA CRUZ,** encontramos artistas conhecidos e outróra famosos e ainda hoje conhecidos como Otto Lederer, Lane Chandler

(Termina no fim do numero).

fazer aquella viagem ininterrupta ! Tudo parecia perdido, quando o capitão do navio resolveu a acceitar a proposta e se compremetteu a organizar uma nova tripulação, toda ella presa por um contracto que seria "assignado" daquella fórma muito commum nestes Films de veleiros, onde os tripulantes são contractados a murros e quando dão conta de si, o navio já singra o alto mar...

E assim foi emprehendida a longa jornada.

Todos comprados por seductores ordenados, não houve um só marinheiro que se arrependesse de estar á bordo ou sentisse odio ao capitão, quando voltaram a si...

... e a viagem se inicia.

Um anno.

Dois annos.

Tres annos.

Quatro annos...

Mas ahi já havia descontentamento da maioria dos marujos ! Já não lhes interessava o dinheiro: queriam des-

Não ha mais

SANDERCROFT era o typo do solteirão endinheirado que sabe gosar a vida. E como elle a aproveitava! Já tivera uma infinidade de amantes, cada qual mais linda e... "mordedora" da sua fortuna. Na verdade, ellas tinham razão — um amante assim como Harry Liedtke, só poderá gostar delle, com sinceridade, a... Ufa.

Mas a ultima amante de Sander, lhe déra uma "mordida" demasiadamente grande... Não contente com o que lhe "mordia" na fórma de praxe, envolvera-o numa "chantage" tremenda, dando-lhe um prejuizo de muitos milhares de marcos...

E Sander, resolveu guerrear as mulheres, fazendo até um juramento. Nunca mais o haveriam de vêr ás voltas com saias !

Os amigos que o conheciam bem e sabiam o seu "fraco" por quanta creaturinha galante elle conhecia, não podiam acreditar nessa sua resolução. Divertiram-se á custa do "juramento"... Mas Sander, levando a cousa muito á sério quasi brigou com os amigos:

— "Vocês estão enganados ! O juramento será cumprido, custe o que custar. E' tão certo quanto eu trabalhar como galã na Ufa... emquanto viver"...

E desde então o nosso amigo adoptou o lemma: — "chega de amor" !

Mas se elle garantira aos amigos que havia de cumprir o juramento, precisava cumpril-o mesmo e... tinha receio de que, num momento qualquer, um novo rostinho feminino viesse pôr tudo a perder... E Sander tem uma idéa que lhe pareceu a melhor garantia para que o juramento não fosse violado: uma aposta de uma grande quantia, com um dos seus amigos ! Esse amigo seria Jacques e o valor da aposta não devia ser inferior á 500 mil "dollars"...

Restava imaginar um prazo de duração da aposta e ficou assentado que esse prazo fosse e de cinco annos.

Assim, tendo como testemunha o creado de Sander — Jean — foi legalizada a aposta e Sander respirou como se desafogasse de um grande perigo... agora tinha absoluta certeza de que não "ligaria" á mais fascinante de quantas mulheres viesse a conhecer! "Amor? Nunca mais !"

Jean entretanto achava que o patrão ainda não estava garantido e podia perder a aposta... e imaginou um afastamento de Sander da cidade e de todos os logares em que pudesse exitsir uma mulher: organizaria um cruzeiro maritimo que durasse exactamente os cinco annos da aposta !

Dessa forma Sander poderia evitar com segurança perder a aposta, esqueceria as mulheres e... quando terminasse o cruzeiro, voltaria completamente differente no seu julgamento ao bello sexo. Talvez encontrasse aquella que seria a sua amante com alliança no dedo symbolico... Não era isto, admiravel?

Sander apreciou a suggestão de Jean e fez-lhe a vontade. O creado ahi, porém, tem que se defrontar com um imprevisto e um problema de solução pouco facil: o hiate de Sander obedeceria ás suas ordens, mas o pessoal de bordo, estaria disposto a supportar uma viagem de cinco annos, sem tocar em terra ? Seria um sacrificio ao qual talvez nenhum dos marujos se quizessem sujeitar, embora a troco de muito bom dinheiro...

E de facto, a equipagem nega-se a

(NIE WIEDER LIEBE)

— FILM DA UFA —

Gladys	*Lilian Harvey*
Sandercroft	*Harry Liedtke*
Jean	*Felix Bressart*
Jacques	*Oscar Marion*
Uma artista	*Margo Lion*

Direcção: — ANATOL LITWAK

embarcar no primeiro porto ! E o hiate não parava nunca... Aquillo já estava insupportavel !... Até o proprio Sander já tinha mudado a sua opinião á respeito das mulheres e estava arrependido da aposta...

Mas Jean, estava disposto a fazer cumprir integralmente o prazo. Queria evitar o prejuizo do patrão e antevia, gostosamente, o casamento de Sander, logo que chegasse em terra e conhecesse uma pequena...

A maruja entretanto inquietava-se e já havia um plano de revolta. Queriam transformar o hiate de Sander num couraçado Potenkim... Quantos marinheiros ali haviam deixado em terra, pequenas com quem já estavam compromettidos...? E depois, mesmo que elles todos estivessem acompanhados das suas eleitas, já chegava de ver aguas azuladas !...

O navio singrava nas proximidades de Douvres, quando devia estalar a sedicção. Subito, ouve-se um grito desesperado ! Alguem cahiu ao mar, sem duvida alguma... Quem será que luta contra as vagas? Um escaler é arriado e o corpo do naufrago é recolhido.

Uma mulher ! E que mulher era ella ! Moça, linda e num traje de banhista que ainda mais seductora a tornava...

Imaginem a decepção de Jean e a alegria que se esboça nos rostos de todos os marinheiros, inclusive no de Sander...!

Mas já vão lá mais de quatro annos... quem esperou até então, espera mais uns mezes e assim os quinhentos mil "dollars" da aposta ficarão em casa... Sander sustem o desejo de approximar-se da moça e, fingindo indifferença, ordena que o medico de bordo trate della, pois assim que ella se restabelecer deverá ser enviada para o porto proximo.

A pequena, entretanto, nada soffrera e ouvia o que se falava a bordo. Ella comprehende tudo e, na primeira opportunidade, com espanto geral dos marinheiros lança-se ao mar...

E' salva novamente. Deante de Sander, porém, ella o ridicularisa. Elle vae mandal-a para terra, não é? Pois ella irá contar a todo o mundo aquelle cruzeiro de "castidade"... os jornaes hão de publicar a noticia e muita gente gozará á custa de Sander...

Sander fica irritadissimo e peor do que elle, o nosso amigo Jean ! O resultado é a pequena ser presa no seu camarote.

Mas ella foge delle, na primeira opportunidade e, semi-nua, apresenta-se ao rapaz, que de uma vez por todas, tem que render-se aos seus encantos e envolvendo-a num terno abraço beija-a apaixonadamente...

Um barco da policia maritima approxima-se do hiate. Os policiaes querem saber se não está ali á bordo, uma aventureira, que acabava de se escapulir da prisão e atirara-se ao mar...

Não póde deixar de ser Gladys e Sander, completamente desilludido das mulheres, novamente, está prompto a entregar a pequena... Antes, porém, que elle possa entregal-a aos policiaes, a moça desapparece como que por encanto !

E, confirmando as suspeitas, tambem dá-se o desapparecimento da carteira de Sander com todo o seu dinheiro...

O hiate chega a Nice, onde o carnaval está no seu apogeu. Nesse tempo já havia expirado o prazo da aposta e todos os passageiros do navio, haviam descido á terra.

Uma linda pequena defronta-se com Sander. E' a pequena que esteve no seu hiate !...

Mas tudo se explica: o roubo fôra fingido por Jean e elle proprio fôra quem transportara a moça para a terra, quando ella desapparecera. Tudo para afastar Gladys dos braços de Sander, porque ainda não chegára ao fim o prazo da aposta...

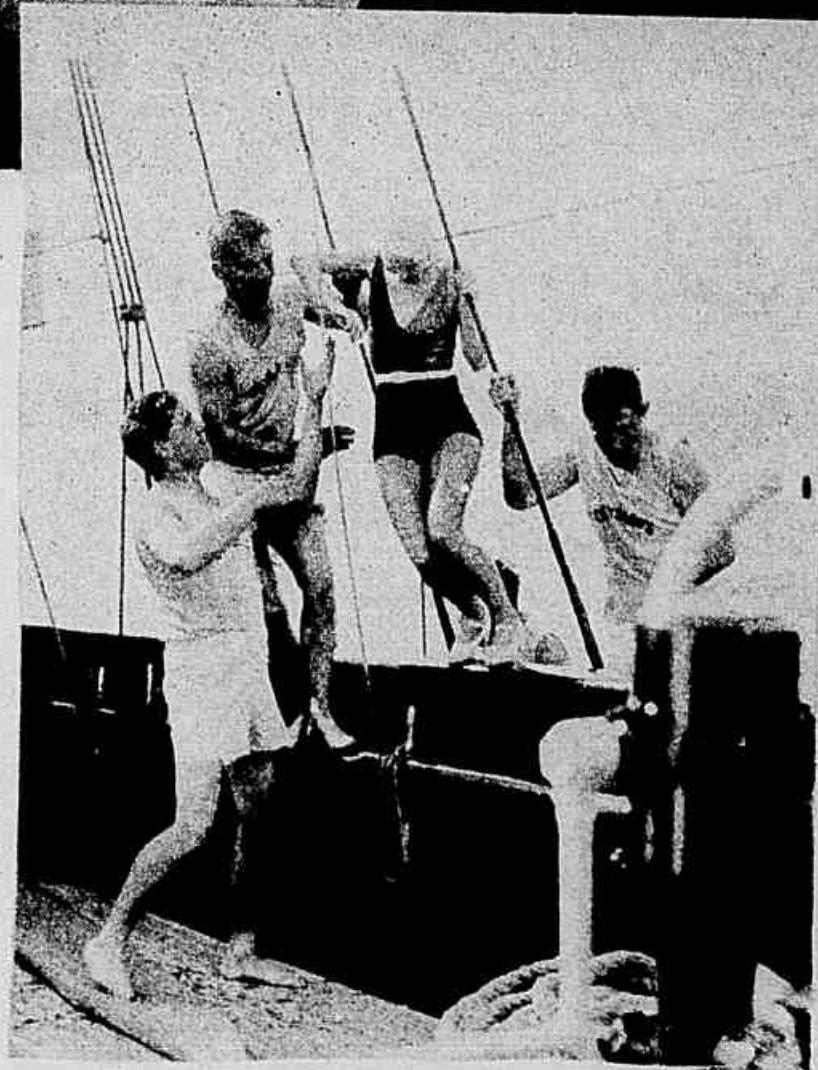
Sander quer explicar tudo á moça, mas esta lhe foge.

E agora é elle quem a persegue de automovel ao longo da Côte Azur... para pedil-a em casamento !

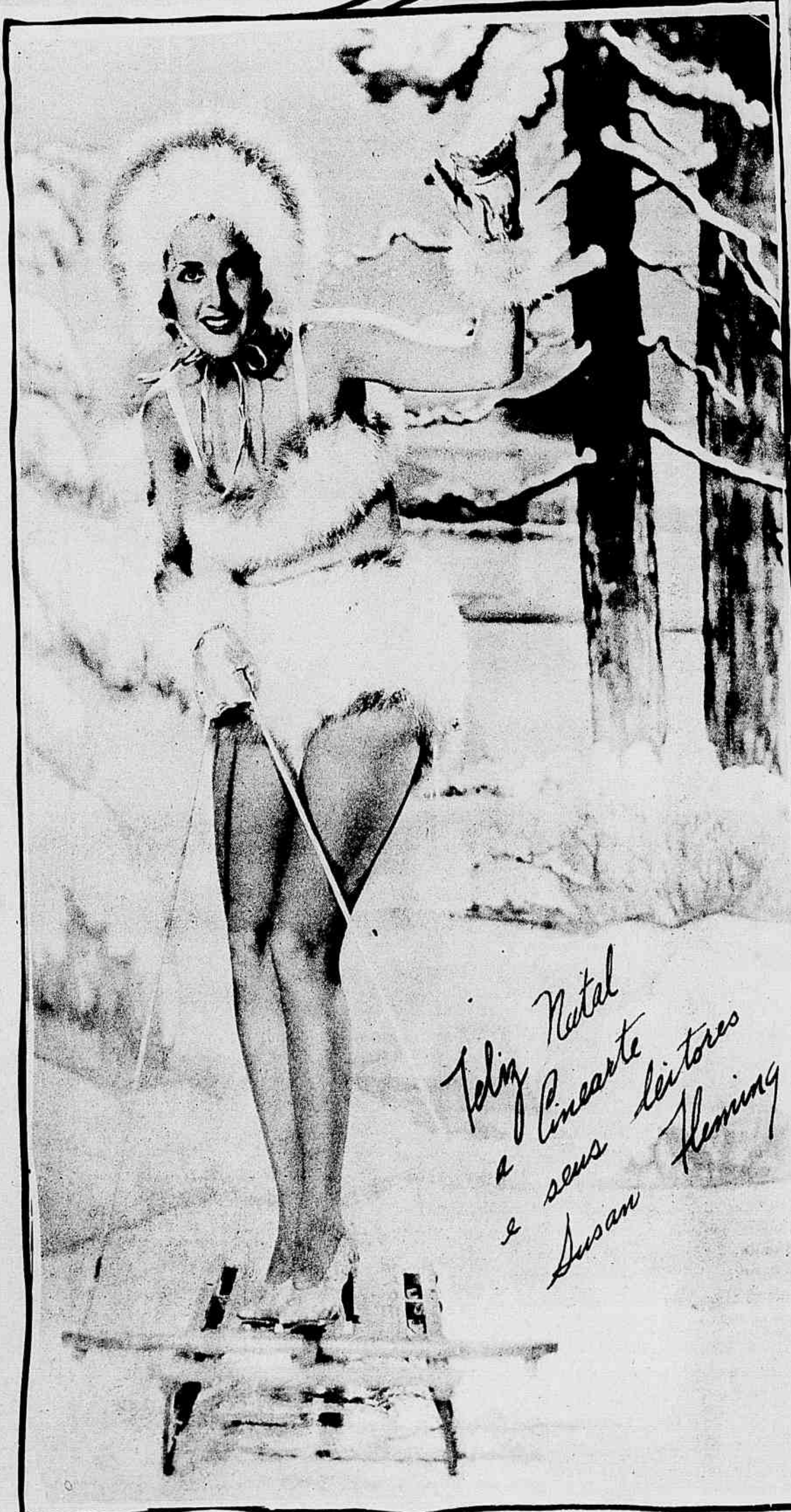
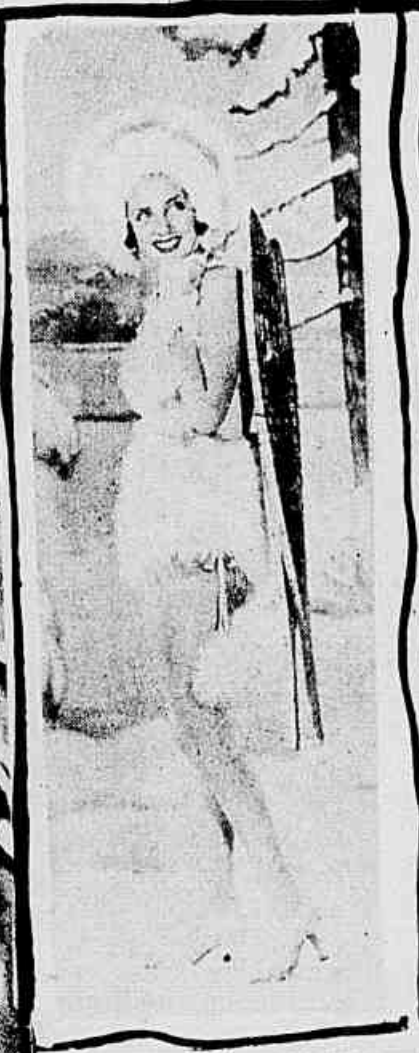
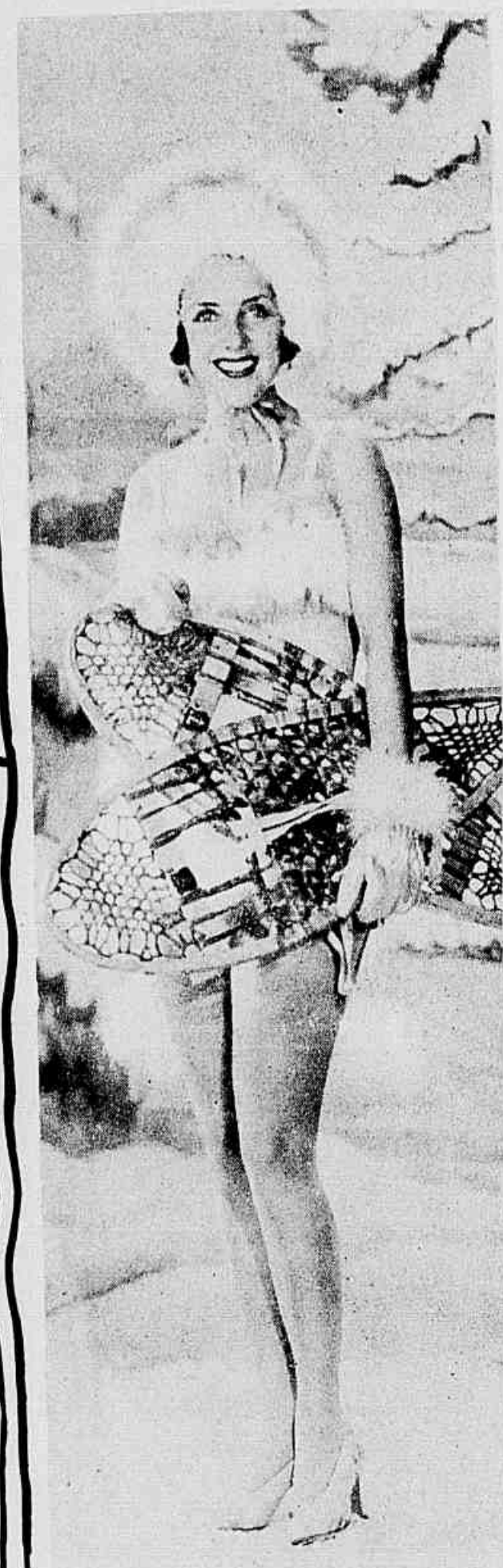
Na Fox Film activam-se os seguintes trabalhos: *Cavalcade*, adaptado da peça famosa de Noel Coward. O elenco é enorme e nas scenas de massa estão sendo empregados milhares de "extras". Clive Brook e Diane Wynward são as duas figuras principaes que obedecem ás ordens de Frank Lloyd. O elenco é todo elle formado de artistas inglezes, assim como britannico é o director. As montagens para esta notavel producção abrangem uma area consideravel no Studio da Fox, onde foram reconstituidos trechos de Londres, como o celebre Trafalgar Square, logares publicos e jardins celebres. Noel Coward recebeu da Fox cem mil "dollars" pelos direitos de Filmagem !!

Eric Von Stroheim já terminou a direcção de *Walking Down Broadway*, Film que vae revelar uma nova figura, descoberta do famoso director, Boots Malory. Dizem que ella vae ser uma sensação. James Dunn, sempre lembrado pelo seu papel em *Depois do Casamento*, é o galã.

Handle with Care, o Film que estava destinado aos garotos de Carlito, tem, agora, um novo elenco. James Dunn e Boots Malory apparecem, nos dois papeis principaes e um dos garotos é Buster Phelps. Victor Sory, um novo artista da Fox, terá uma parte saliente. O Film é dirigido por David Butler, o director de "Deliciosa" é nosso velho conhecido.

Leslie Howard — imaginem ! — é o galã de Mary Pickford em "Secrets". Frank Borzage dirigirá. Lembram-se da outra versão com Norma Talmadge?

Constance Cummings é a principal figura feminina de "Billion Dollar Scandal", da Paramount.

"Picture Snatcher", será um dos proximos Films de James Cagney, para a Warner.

Obrigado,
SUSAN
FLE-
MING
pela
parte
que
nos
toca...
Feliz Natal
a Cinearte
e seus leitores
Susan Fleming

Constance Bennett, o grande encanto dos Films da Radio

Frances Dee e os seus vestidos.

A mais recente photographia de Francesca Bertini. Foi ella mesmo que nos offereceu. Chiquinha Bertini ainda é bonita, não é?

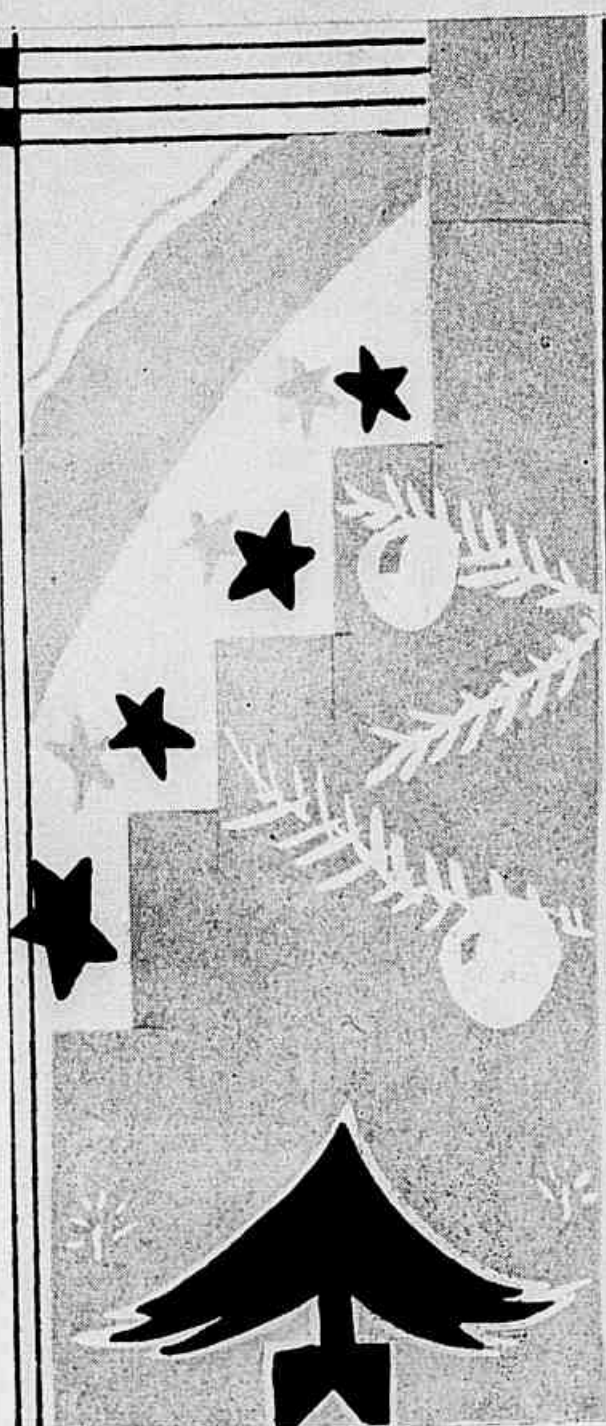
Os artistas da Metro-Goldwyn-Mayer d...

Dedicatorias authenticas que demonstram a popularidade de "Cinearte" em Hollywood!

desejam um feliz Natal aos Brasileiros!
Feliz Natal a todos os Brasileiros Colleen Moore
Feliz Natal a todos os Brasileiros Marion Davies

Quem sabe que Joan não é brasileira?

Mae Clarke se fosse européa e mysteriosa... que grande artista teria a Universal...

Carl Laemmle. Mae Clarke deve ter bons papeis.

Viuvinha triste. E' mentira, não é fatal. Ella é muito bôa... menina.

gente rica, num circulo onde os *playboys*, rapazes de fortuna orçadas em muitos milhões, gastam contos de reis em alfaiates carissimos...

Nunca o vi sem gravata ou sem collete, coisa quasi que desconhecida nesta capitál do Cinema — *sweater* talvez elle a use, apenas, quando vae em férias para as montanhas... Elle se veste com rigor, dentro da moda, com apuro de um principe de Galles.

Procuro, deste modo, traçar, da melhor maneira possivel, o modo de George Raft, longe das luzes dos Studios. Elle sempre viveu, durante annos e annos, de noite! Pouco via a luz do sol... Chegava ao seu appartamento, em New York, mais tarde que o leiteiro... e só quando o relogio batia cinco horas da tarde, é que elle dava o primeiro bocejo, despertando! Foi assim, que elle adquiriu uma côr pallida, côr que offerecem todos os jovens que fazem da noite — dia!

Nos cabarets, onde dansava ou era mestre de cerimonias — attrahindo com o seu bom humor e suas maneiras distinctas meio mundo — as maiores fortunas da cidade dos arranha-céos, era um idolo. Conhecia millionarios e *gangsters* — gente de pergaminho e outros que subiam até aquelles logares á custa de negociatas e negocios illicitos. Todos, porém, tinham por George Raft a mesma admiração — o mesmo enthusiasmo. Elle era o idolo do mundo nocturno de New York!

Teve aventuras, proezas, façanhas e a sua vida é um livro salpicado de factos curiosos, onde amor, perigo, audacia e coragem são palavras que se acham impressas em cada linha.

As mulheres o queriam com loucura. Elle despertava ciumes, odios — que se materializavam em rusgas surdas e, quantas vezes, em punhados de cabellos arrancados por mãozinhas feitas apenas para caricias e affagos!

Aqui, está, portanto, o novo idolo, em largas pinceladas. Por estas linhas podem ter uma idéa da vida que George Raft levou, antes de vir ter a Hollywood, onde a boa sorte lhe deu um contracto vantajoso e muito nome. A fama que lhe faltava, elle a tem agora. E' o successo mundial, o Cinema leva aos mais afastados cantos da terra o nome de suas figuras. New York é um pequeno mundo, mas, agora, o nome de *Raft* será illuminado em letras de fogo pelos cinco continentes.

Raft

Depois de saber que *Scarface*, tendo sido exhibido com muito successo, no Rio, havia tornado conhecido o nome de George Raft, pedi então uma entrevista com elle. "Cinearte" queria ouvir de seus proprios labios para poder contar a seus leitores factos da sua vida tão agitada, tão romantica, tão interessante!

George Raft, sempre no mesmo apuro de vestuario, trajando um elegantissimo terno azul marinho, estava deante de mim, reatando um conhecimento feito entre nós, mezes antes.

Falo-lhe do successo de *Scarface*, no Rio e elle me diz: "O Film merece-o. Howard Hawks é um grande director. Eu se fosse um *big shot*, (sujeito importante...) se pudesse fazer meus proprios Films, seria o primeiro director que contractava. Admiravel, estupendo. Elle possue grande intelligencia. Depois, é um esplendido camarada. Ajudou-me muito no meu papel e a elle devo a opportunidade esplendida que tive nesse Film.

"Foi este o seu primeiro papel, no Cinema?"

"Não. Quando estava em New York, me encontrei com Roland Brown. Depois, vim a Hollywood e aconselharam-me a tentar o Cinema. Confesso que não estava interessado em Films. Sempre trabalhei, desde muito moço. Estive no palco, como dansarino e em vaudeville. Tive cabarets e entretinha um publico elegante e exigente. Sempre ganhei muito dinheiro. Todos sabiam o que eu sabia fazer, e o Cinema — significando que eu deveria representar, me amedrontava um pouco. Eu nunca, em minha vida, representei. Só uma unica coisa eu sabia fazer — dansar!

Mas, a historia é grande. Rowland Brown me queria para um papel em *Quick Millions*, Film da Fox. No Studio, um chefe de producção, mandou-me chamar e pediu-me que fizesse um *test*. Recusei. Disse-lhe — "Os srs. mandaram-me chamar é porque sabem o que eu posso fazer, portanto não ha necessidade de fazer *tests*. (Curiosa á maneira porque George fala do seu primeiro contacto com o Cinema...)

Rowland brigava dentro do Studio. Affirmava que o meu typo era exactamente o que elle desejava para um certo papel nesse Film. O Studio receiava empregar-me a discussão não terminava mais.

Uma quinta-feira, voltei ao Studio e disse — "Segunda-feira, á noite, devo regressar a New York. Estou prompto a fazer as minhas primeiras scenas, amanhã, dia marcado para o inicio de *Quick Millions* — sabbado veremos os *rushes* se eu servir muito bem, contractem-me,

(Termina no fim do numero).

Como me

ELLES querem mais...

Suggeriu humildemente o redondo homem que ella tinha diante de si.

— E eu quero "champagne" já em meu camarim.

Retrucou ella, impetuosa, fixando nelle olhos cançados mas decididos que locomoveram-no num segundo dali para onde encontrasse a bebida ordenada.

E Zara arrastou seu corpo moço e sua alma velha escadas acima até seu camarim. Pouco se lhe davam os applausos que acabava de colher cantando uma valsa vienense. Sabia, perfeitamente, que Budapest toda estava sob seus pés. Mas que lhe importava isso? Tinha a alma saturada de "spleen". O corpo cançado de sustentar um espirito gasto. Um olhar esgazeado e vago, ao mesmo tempo, que ninguem poderia saber onde estava e o que fazia...

Nessa noite o Barão e o Capitão excederam-se. Geralmente elles iam applaudil-a em seu camarim, embora soubessem a frieza habitual que os receberia. Mas nesse dia resolveram desfazerem-se dos demais rivaes e acompanharam Zara á sua casa. Um delles seria o preferido e quando escolhido fosse, o outro sahiria nobremente do caminho. Mas Zara, apesar disso, permanecia calma, quiéta e distrahida dentro da sua apparencia magistral de mulher incommum.

Quando o Barão beijou-a, vibrou-lhe uma bofetada. Ao susto respondeu com uma phrase dita em tom infantil:

— Doeu muito?...

E todos riram.

Chegaram. Zara recolheu-os. Mal invadiam a sala, quando Carl Salter appareceu. Carl era um homem alto, exquisito, cabellos cortados rentes ás orelhas grandes. Um monoculo endurecia mais sua expressão sinistra. Rosto de um sensualismo raro.

— Não vaes offerecer a teus amigos alguma cousa que se beba?

Foi a primeira pergunta que elle fez, sarcastica, deslizando da escada onde estava para as proximidades do grupo que o olhava: — os dois homens admirados e invejosos, a um tempo, vendo-o assim intimo, principalmente nas roupas caseiras que trazia; indifferente ella, totalmente fria. E Salter, rindo com certa maldade approximou-se mais.

— Espero que eu aqui não esteja sendo um intruso...

(AS YOU DESIRE ME)

— FILM DA M. G. M. —

GRETA GARBO	*Zara*
Erich Von Stroheim	*Salter*
Melvyn Douglas	*Bruno*
Owen Moore	*Tony*
Hedda Hopper	*Madame Mantari*
Rafaela Ottiano	*Lena*
Warburton Gamble	*Barão*
Albert Conti	*Capitão*
William Ricciardi	*Pietro*
Roland Varno	*Albert*

Director: — GEORGE FITZMAURICE

Zara respondeu a ironia com outra.

— Permitta-me apresentar dois conhecidos meus. O Barão. O Capitão.

Girou com a mão apontando os tres homens que tinha diante de si.

— A nobreza. O exercito. O chefe deste orphanato...

Nisto fez uma mudança de tom e do sacrasmo passou a um tom mais sério mas ainda levemente ironico

— Meus caros amigos, estaes diante do formidavel Salter, o maior novellista do universo!

Os dois apaixonados impressionaram-se. Desapontaram logo em seguida.

— Salter espeta-me como se fosse uma borboleta. Vara-me de lado a lado e deixa-me improvavel para a fuga. Depois, estudioso invulgar, deixa-me lutar, soffrer e analysa fria e calmamente minhas emoções uma a uma. E finalmente nasce uma formidavel novella a mais de seu cerebro prodigioso.

Salter sorriu ligeiramente. Os admiradores de Zara diante desse sorriso apressaram a sahida. Ambos deram desculpas absurdas mas adequadas ao momento e sahiram impressionamente commovidos com a derrota inesperada que o novellista infligira-lhes...

A sós, Salter encarou Zara. Sua primeira expressão de ironia e sarcasmo desappareceu, dando logar a um rosto congestionado pelo sensualismo. E num abrir de fechar de olhos subjugou-a com seus braços

QUERES

de ferro, trouxe-a para bem perto de si e ferindo-a com a brutalidade de seus apertões lubricos, sugou-lhe os labios e beijou-lhe o pescoço e os hombros com a vivacidade e a emoção de uma serpente que prepara a victima antes de a deglutir. Zara fez todo esforço possivel para se livrar do contacto detestado. Nada conseguiu. Quando elle de novo trouxe seus labios esfaimados por ella ao encontro de sua bocca só affeita ao riso de amargura, não conseguiu ella repellir uma expressão de revolta.

— Não!

— Pensando em outros homens, não é? Talvez tenhas pertencido a um delles!

Seus braços apossaram-se inteiramente della. Venceu-a com a força de sua brutalidade mascula.

— Vamos, confessas ou não?

Os olhos de Zara mudaram-se por completo. Já se sujeitára demais a scenas semelhantes para poder tolerar ainda uma vez aquillo. Retorquiu com energia.

— Você é vil!

— Foi o que tua companhia ensinou-me.

Respondeu elle e ainda mais apertou entre os dedos aquelles pulsos delicados que tantos dariam a vida para tocar com os labios. E continuou a tortura, empallidecendo ella ao máu trato e já não mais resistindo aos apertões que anniquilariam de dôr.

— Papae!

Saltar afrouxou um pouco os pulsos da amante. Voltou o olhar para a entarda da sala e deu-o em Mop, sua filha, uma pequena de dezoito annos, mais ou menos, que quasi commovida assistia á scena.

— Para, meu pae. O senhor está magoando.

Salter deixou Zara. Esta, livre do apertão brutal, começou a friccionar automaticamente os pulsos sem dar attenção alguma á creança á qual devia um supplicio a menos.

— Volta para a cama!

Ordenou Salter á filha, com energia. Mas a pequena nem siquer o ouviu. Approximou-se de Zara e pozse a friccionar-lhe os pulsos com meiguice. A artista sentiu qualquer cousa exquisita invadil-a. Tirou a mão quasi com brutalidade do carinho da menina e disse:

— Por hoje chega de aborrecimentos.

Mop não cedeu. Abraçou Zara.

— Minha pobrezinha...

— Mop, porque não se vae você embora daqui?

Perguntou-lhe Zara.

— Não vê a miseria que isto aqui é? Você é joven, devia ter uma opportunidade melhor.

Abraçou a pequena e olhou-a alguns segundos em silencio. Depois continuou a falar, ignorando a presença do pae.

— Apesar delle ser seu pae, Mop, ha decencia sufficiente em você para fazel-a digna de se salvar.

— E você, Zara, porque fica?

Zara antes pensou. Seus dedos percorreram, esquecidos, a testa calma que não reflectia as tragedias immensas de sua alma. Depois falou lentamente, quasi baixo demais.

— Não tenho a coragem de sahir. Mas um dia, eu...

Ouviu-se a campainha da porta. Mas nenhum dellas prestou a isso a menor attenção.

(Termina no fim do numero).

Sou pago para não pensar

VENHO a doze annos representando pelos theatros do paiz. Conhecem-me em Hollywood, no emtanto, a dois apenas. E considerando-se a feição particular de Hollywood, este periodo é o que se póde chamar de um "tempão"... Nunca me consultaram e opinião minha alguma foi pedida a respeito de um papel pensado para mim. E muito menos indagaram qual aquelle que eu gostaria de viver num Film.

Clark Gable sorriu. Fez pausa. Depois terminou com ironia.

— Sou pago, para não pensar...

Este caso lembra um pouco da rixa Ina Claire-Samuel Goldwyn. Emquanto filmava CORTEZÃS MODERNAS, ella deu algumas suggestões. Productora que é e sempre foi de varias das peças por ella representadas em New York e outras cidades igualmente importantes, achou que tambem podia dar idéas num Film, já que tamanha era sua experiencia. Essas idéas chegaram aos ouvidos de Samuel Goldwyn. Elle a chamou e disse-lhe: — "E' muito caro deixar artistas pensaram. Prefiro que não tenha idéas!".

Citei este caso a Clark Gable. Ouvindo-o, sorriu.

— E' razoavel... Sabe que mais? Já não penso siquer em meu futuro Cinematographico...

Notem. Clark Gable não é desses que fazem successo num Film e já pensam que sabem mais a respeito da industria do que os productores que annos e annos levam dentro della. Desses que costumam, ás vezes, dar conselhos sobre isto e aquillo, dizendo aos Studios o que devem e o que não devem fazer...

Não. Clark Gable jamais foi assim. Quando elle achou que se devia manifestar em seu proveito, manifestou-se de fórma muito mais pratica: — dinheiro. Tornou-se seu nome famoso e elle pediu augmento. Mas não pediu com escandalo e nem barulho. Usou de calma e dignidade.

Elle sabe perfeitamente o quão curta é a rama Cinematographica de qualquer "astro" ou "estrella". A sua, sabia elle que podia durar muito e podia durar apenas emquanto tivesse bons papeis e como não tinha certeza alguma de os ter, achou que era opportuno pedir mais dinheiro para garantir de alguma fórma seu futuro dentro de uma industria de fama tão passageira. Pediu bastante mais do quanto percebia por contracto. E pediu exactamente depois de A ACTRIZ DO CIRCO estar com sua Filmagem pela metade. Era o momento psychologico. Não poderiam concluir o Film sem elle.

Pedindo mais dinheiro, pedia apenas uma maior protecção para seu futuro. Uma protecção que todo homem que trabalha merece ter.

Quando perguntei-lhe porque não manifestava sua opinião a respeito de peças e argumentos que apreciasse para si, respondeu-me: —

— Trabalho aqui. E quero trabalhar bem e bastante, apenas.

— Mas nem tendo as boas idéas que tem, Clark?

— Acho que não tenho a perder mais do que os que produzem. Elles empregaram dinheiro para fazerem seus Films. Meu papel é trabalhar. E não pensar. Trabalho sem falar, sem discutir.

Apesar disto elle sabe perfeitamente o effeito que A ACTRIZ DO CIRCO e STRANGE INTERLUDE fizeram na sua carreira. Tambem sabe que esteve no ponto mais alto de sua carreira com o papel que lhe coube em POSSUIDA. E não desconhece o golpe que sua carreira soffreu com aquelles dois papeis mais acima citados e que foram dois violentos puxões a reterem sua gloriosa ascenção...

Tambem sabe o quanto precisa esforçar-se para voltar ao apogeu em que já se achou.

Clark Gable conhece nitidamente a razão de successo de um Film. Sabe, perfeitamente, que A ACTRIZ DO CIRCO e STRANGE INTERLUDE elle poderia ter interpretado num palco e ter vencido nesses mesmos papeis. Mas tambem comprehende que em Cinema a cousas são differentes e não é sempre que um papel victorioso em theatro reproduz-se com o mesmo successo em Cinema. Tem doze annos de estudos e experiencias a tornarem-no um artista versatil. Mas a versatilidade é muito relativa em Films e tambem isto elle não ignora.

Conhecel-o pessoalmente, é conhecer um rapagão trigueiro, calado, sincero e sempre prompto a ser aquillo que realmente é, sem jamais fingir. Ha, em seus olhos, um brilho constante. E' um bom humorista, ainda. E desses que recordam cousas da infancia sem omittir um simples detalhe.

Pessoalmente elle de fórma alguma suggere o bandido que tem sido em Films, aquelle bandido violento e arbitrario que toma a força aquillo que não póde conseguir pela simples vontade.

No Cinema, no emtanto, a "camera" opera um milagre. Transforma-o totalmente. E nem que os entendidos e interessados queiram mudal-o é possivel.

Este caso da "camera" já tem sido sobejamente vehiculado. Janet Gaynor, por exemplo, tem querido ser maliciosa, differente em seus Films.

As "cameras" a têm recusado dessa maneira e forçam-na ainda que não queira a acceitar os papeis suaves e meigos que são seu verdadeiro successo. Marlene Dietrich ou Greta Garbo jamais poderão sahir do genero em que se acham. Mulheres fataes, fascinantes, duvidosas ás vezes. A "camera" que Filmou VENUS LOIRA acceitou a Marlene do "cabaret". Mas regeitou violentamente a Marlene delicada, soffredora, meiga, maternal... é totalmente inutil insistir. Em Hollywood mandam as "cameras" e technico algum lhes mudará o aspecto.

Um artista póde ter a versatilidade de uma Duse ou um Laurence Barrett... no theatro. No Cinema esse mesmo artista poderá ser versatil até onde lhe permitta a "camera". Ella faz de individuos mortos "astros" de sensualismo. E de sensuaes figuras apagadas que fenecem ao atravessarem as lentes de uma "camera"...

Clark Gable sabe apreciar a acção da "camera" sobre elle. Torna-o de um sensivel e independente rapaz a um typo classico do moderno "homem da caverna" tão do agrado das mulheres, hoje. Em TRIUMPHOS DE MULHER seu papel era até sordido, de tão desagradavel. Um papel que, na vida real, teria a repulsão popular. A "camera" fel-o agradavel ás mulheres, apezar de toda brutalidade...

CLARK GABLE ESTUDANDO OS DIALOGOS DE "RED DUST"...

Em POSSUIDA, seu Film favorito, teve o papel de um rapaz culto, fino, intelligente, mas, apesar disso, violento e bruto com a mulher de seu amor quando necessario. Exactamente o typo que as mulheres de hoje admiram.

Em UMA ALMA LIVRE é o individuo sordido, animalisado, que toma aquillo que quer e quando quer.

Estes Films acima citados contam historias que a "camera" acceitou. Por isso mesmo é que seu successo foi retumbante tanto num como noutro.

ALMAS PECCADORAS, A ACTRIZ DO CIRCO e STRANGE INTERLUDE, no emtanto...

No primeiro, destes, seu papel foi o de um rapaz do exercito da salvação.

Clark Gable no papel pensado para Johnny Mack Brown. A personalidade já commentada de Clark Gable num papel pensado para a personalidade suave e delicada de Johnny Mack Brown... E quem achou que isso seria proveitoso pensava menos do que Clark Gable, sem duvida...

Em STRANGE INTERLUDE condemnei pessoalmente a caracterisação de Clark Gable como velho e essa foi exactamente a mesma censura que a maioria das criticas fizeram ao Film. Clark Gable contou-me que foram tirados dezoito "tests" para a tal sua caracterisação. "Tests" de perto de duzentos "dollars" cada um...

A M. G. M. gastou, dessa fórma, tres mil e seiscentos "dollars" para fazer Clark Gable dar a impressão authentica de um velho. Mas a "camera" riu-se de tudo e inutilisou um a um todos os esforços...

Num palco Clark Gable é capaz de dar uma caracterisação semelhante e notavel. Mas a "camera" é mulher e, como tal, teimosa. Disse ella com certeza: — "Já disse o que Clark Gable póde fazer. E' inutil insistir. Velhos e ministros protestantes elle absolutamente não póde fazer!".

E' possivel que existam ministros como o que Clark Gable apresenta em A ACTRIZ DO CIRCO. Ha excepções, bem sei, mas o publico não acceita excepção alguma. Eu, por exemplo, quando assisti o Film, tive impetos de projectar-me contra a tela, agarrar Clark Gable pelo... collarinho e gritar-lhe: — "Vae lá, seu lesma e tome-a. Ella é sua!" E, pensa a mesma cousa uma multidão de outras criaturas que acham a mesma cousa que eu achei. Aquella apathia do pastor protestante irrita a qualquer pessoa que tenha visto Clark em outros papeis e principalmente pelo seu typo. Bem por isso o unico momento em que elle agrada, no Film, é quando agarra Raymond Hatton pelo casaco e intima-o a deixar o quarto.

Clark sabe as razões pelas quaes acceitou esses papeis, embora não as tenha contado a mim e a ninguem. Apenas sorri e em seu sorriso ha todo o enigma das esphynges.

As "estrellas" da M. G. M., então, todas disputaram-no para galã de seus Films e cada uma dellas o teve a seu turno. Galãs são os maiores problemas para as "estrellas". Escasseam mais em Hollywood do que politicos honestos em Washington... Um galã da especie de Robert Montgomery, por exemplo, faz bons papeis como galã e logo é elevado a "astro". E' logico que se voltem todas as "estrellas" para Clark Gable, antes que elle se torne igualmente uma sensação.

Joan Crawford teve-o em primeiro logar, se bem que Constance Bennett o tivesse em seu Film TENTAÇÃO DO LUXO, embora num papel pequeno. Depois Norma Shearer em UMA ALMA LIVRE. Joan Crawford de novo, depois, em POSSUIDA. E foi ella que insistiu vehementemente em tel-o como galã. Chegou a ir a Irving Thalberg e lhe dizer, francamente, que não fazia o Film, a menos que fosse Clark seu galã.

Seus papeis, nesses Films, mais ou menos estiveram de accordo com sua popularidade e suas aptidões photographicas. Mas a procura continuava. Marion Davies solicitou-o para ser seu galã, tambem. E Norma Shearer quiz mais uma vez tel-o ao lado.

(*Termina no fim do numero*)

JOHN GILBERT quebra o seu silencio de tres annos

HA tres annos vem John Gilbert mantendo um silencio de esphynge, sem dar uma entrevista. Agora, no emtanto, quebra-o e conta-nos o que tem sido sua vida e o que ella foi: — antes e depois da interferencia suave e querida de sua actual esposa e heroina de MADAME E SEU CHAUFFEUR, Virginia Bruce.

Desde que as cousas começaram a andar mal para elle, isto é, desde que a imprensa começou a diffamal-o, os Films falados estragaram-no, um casamento desastrado prejudicou-o e uma quéda financeira quasi o arruina, deixou John Gilbert de falar aos jornalistas. Hoje, no emtanto, diz-me elle:

— E' a primeira vez em minha vida que conheço o real significado de viver em completa paz. Até hoje não tem sido assim. Virginia, para mim, é a combinação perfeita da esposa, amante e companheira. Sinto-me elevado diante de sua presença. Orgulho-me sabendo que ella me amou ao ponto de se casar commigo. Póde crer: — esta experiencia é nova para mim.

— Andei sempre na tempestade, enfrentando o mau tempo. Vivi em eterna confusão. Jamais gosei um completo e perfeito romance. Apenas Virginia trouxe-me o sentimento da absoluta paz, do completissimo descanso.

Ouvi isto de seus proprios labios, dentro de seu "bungalow", no Studio da M. G. M. A palavra "bungalow", aqui, poderá significar pouco. Isto é: — a idéa de um camarim miudo em fórma de "bungalow", por exemplo. E não é. O de John é realmente uma casa. Vem dos tempos em que os "astros" e as "estrellas" eram realmente reis dentro de um Studio. E seu "bungalow" tem compartimentos terreos, uma sala de estar e uma de jantar, vastas e confortabilissimas, arranjadas com um bom gosto raro; lá em cima quartos, mobilados a capricho e amplo banheiro o mais confortavel. Eis o que realmente é o "camarim" de John Gilbert...

Elle tinha acabado de regressar da praia de Malibu, onde elle tem uma casa, para ficar o mais longe possivel da sua residencia de Beverly Hills, ao menos por algum tempo. E Virginia, em sua companhia, numa lua de mel apaixonada. Elle diz que quer socegar um pouco e por isso procura sempre estar ao lado da esposa e mais ninguem. E é um prazer ver-se o quanto John e a esposa loira e meiga amam-se. Com que ardor! Com que enthusiasmo! Até o embarque para a Europa, no emtanto que se deu ha dias, Virginia pouco teve para sua lua de mel, porque figurava em KONGO e Filmava diariamente, sem descanso.

E fazia já bastante tempo que eu não via John Gilbert tambem. Estive numa festa, certa noite, offerecida a John e Virginia por Sharon Linne e seu marido, o conhecido scenarista Benjamim Glazer.

John, Irving Thalberg, Virginia, Norma Shearer, Helen Hayes e Gary Cooper, outras celebridades, ainda, divertiam-se tanto ao "bridge" que achei importuna qualquer intervenção diante de John para arrancar-lhe algumas palavras. Virginia chegou tarde á festa que era em sua homenagem, porque Filmára até á meia noite. Seu vestido de setim branco era uma maravilha e ella o trazia esplendidamente sobre seu corpo bem feito. E a moldura que seus cabellos teciam ao rosto era simplesmente adoravel. Ella lembra, muito, a visão estupenda do "Donzella Abençoada" de Rosetti. Physicamente é quasi a imagem viva da pintura de Rosetti. Ella não é o typo commum da anemica loira e bonita. Ao contrario. E' cheia de corpo e muito bem feita.

O romance entre ella e John começou com a Filmagem de MADAME E SEU CHAUFFEUR, argumento escripto por John, tendo-o como "astro" e apresentando-o num papel que elle não fazia igual desde QUANDO OS CAMINHOS DO AMOR SE CRUZAM. Um villão romantico ao qual os criticos elogiaram muito, dizendo que finalmente voltava elle a qualquer cousa digna do seu temperamento de grande artista.

— Virginia é uma pequena tão extraordinaria!

Dizendo isto, ergueu-se John e foi a um movel apanhar um cigarro. Accendeu-o. Tragou duas vezes. Pol-o fóra. Voltou a sentar-se. Trançou as pernas. E continuou falando, sempre o mesmo John sem parada, dynamico, agitado, nervoso.

— Cito-lhe um exemplo do caracter e do raciocinio ponderado de minha esposa. Tem apenas vinte e dois annos. Acho que é juizo demais para tão pouca idade. Na sua idade, ao menos, jamais tive a centésima parte do juizo della. Depois de terminar o seu papel em KONGO, onde, aliás, tem um papel dramatico forte, disse-me ella que resolvera dar por terminada sua carreira em Films e que disto faria sciente Irving Thalberg no dia seguinte. A razão disso era julgar ella imcompativeis uma carreira Cinematographica e um lar, ao mesmo tempo.

— Não tive interferencia alguma nesse modo de encarar as cousas e, com sinceridade, cheguei a lamentar o que ella resolvera, porque a M. G. M. achava-a um optimo material artistico e tinha-o sob um contracto esplendido.

Ella ia triumphar na carreira, como já vinha triumphando e por isso mesmo mais ainda espanteime com sua maneira brusca de pôr fim a essa mesma carreira. E' preciso ser muito calma, muito ponderada, muito ajuizada para fazer um juizo desses. E ella o fez sem se lastimar. Ao contrario, muito satisfeita.

— E' logico, que depois de tomada, sua resolução encheu-me de felicidade. E porque não? Nada ha no mundo que eu deseje tanto, neste momento, quanto viajar, passear e divertir-me em companhia de Virginia. Ha muitos annos que venho trabalhando sem cessar. Ganhei uma fortuna e perdi outra. Felizmente sobrou-me o sufficiente para viver em socego e sem preoccupações quaesquer. Foi uma força Superior que me fez raciocinar e economisar.

Virginia Bruce e John Gilbert em MADAME E SEU CHAUFFEUR.

— Virginia é completamente differente de todas as creaturas que eu amei ou... pensei que amasse. Ella veiu para a minha vida no momento precioso em que desejava, precisava e queria uma pessoa assim para sempre a meu lado. E' possivel que ha cinco annos passados não a apreciasse. E' lei da vida isso e nada faz della sahirmos.

— Estas declarações que lhe estou fazendo podem parecer ingenuas, collegiaes. Mas o facto é que a gente ás vezes leva uma existencia toda a pensar que se é sensato, quando na realidade nada mais se é do que um ser humano bem simples. Acho que minha vida tem sido bastante tormentosa. Jamais foi calma e simples. Hoje apenas é que começo a conhecer o valor das cousas substanciaes á vida. Genio, malicia, impetos, são cousas que representamos...

Perguntei a John quaes seus planos depois da terminação do seu presente contracto com a M. G. M., o que se dará logo após o termino de mais um Film que ainda tem a fazer naquelle "lot". Trinta e sete annos tem elle. Muita experiencia. Sorriu á pergunta... Além disso elle sabe escrever magnificamente. Faz scenarios perfeitos. Dirige. Tudo isto elle tem feito com successo, fóra a arte de representar, na qual é o mestre que todos admiram e muitos invejam.

— Não me pergunte. Espere até chegar o momento opportuno. Em Cinema ou em theatro, sempre ha cousas novas e differentes para se fazer. A representação é minha propria vida. Não a deixarei.

— Quero contar-lhe, a respeito de Virginia, ainda uma cousa que se me ia escapando. E' adoravel, principalmente porque com ella ninguem briga. Nem mesmo eu. Gosto de discutir. Brigo com facilidade. Principalmente discutir, adoro! Virginia é calma, ponderada, sabe o que vale e o que não presta. Afasta os perigos. E quasi sempre é della a razão. Quando se approxima de nós um ponto discutivel, tenho de seus labios um sorriso, um olhar calmo e em seguida mais nada. Afasta-se. Não discute.

— E já lhe disse que a familia della é igualmente esplendida? E' tambem a primeira vez em minha vida que ganho uma familia toda de presente e póde crer que a quero muito, como se fosse minha. Seus paes são esplendidos e seu irmão um rapaz ás direitas. Somos parceiros de "tennis".

Conheço muito John Gilbert. Ha annos. Jamais o vi "convertido" como agora está. Eu o conheci quando elle fazia O GRANDE DESFILE e A CARNE E O DIABO... Tambem o conheci quando o Cinema falado ia arrasando-o. E acompanhei bem de perto duas de suas aventuras matrimoniaes: — Leatrice Joy e Ina Claire. E tive occasião de tambem observar

(*Termina no fim do numero*)

A VOLTA DE

EXISTEM no Cinema nomes, que, por uma obrigação de notoriedade passada, jamais deixam de figurar no cartaz da vida. Jamais deixam de ser assumpto palpitante para os jornaes, e jamais sahem da memoria do "fan."

Greta Garbo, Ramon Novarro, Clara Bow, Valentino, e innumeros delles.

Esses, então, são artistas sobre quem mais se tem escripto neste mundo e no outro.

Jim Tully é o autor deste artigo sobre a volta de Clara Bow.

E elle diz que Clara Bow, ás vezes exasperada, e por outras, mais calma, declarara não querer mais voltar á cidade do Film. Mas, voltou. Voltou com predicados que viviam escondidos em sua personalidade, e que vieram á superficie depois da serie de desastres soffridos por ella. Sua infancia vivida nas ruas de Brooklyn deixou-a imbutida na necessidade de viver em grandes cidades. Sua ambição é descansar os ossos pacificamente num rancho de centenas de acres, tendo as montanhas como paredes e um céo sem nuvens como telhado. E sua vida recente indica que ella ainda terá essa ambição satisfeita.

Na muda adoração de milhões de entes humanos, Clara Bow sómente tem achado aborrecimentos.

Extremamente bondosa, ella não tem a pose e o tremendo constrangimento de sua brilhante vizinha de Brooklyn, Barbara Stanwick.

Carregando comsigo a semente de um grande talento, a qual começou a germinar mas não chegou á suprema grandeza, Clara Bow volta, agora, quasi do esquecimento sob a tutela sagaz de Winfield Sheehan, o homem que é responsavel pelos destinos da Fox.

E a verdade é que depois de seu primeiro Film "Call Her a Savage", na opinião de muitos criticos notaveis, ella voltará a seu logar, como a mais popular estrella do mundo. Estou tambem de pleno accordo. Pouco me interessam as suas faltas. Estão esquecidas pelo facto de que ella actualmente segue uma vida recta e honesta, embora tenha sido uma pequena irresponsavel. Como sabem, ella foi uma pequena que procurava o amor mesmo nos titulos escandalosos dos jornaes. Amigos existem que dizem que Clara Bow, agora, o acha e demais... Porque, se as mulheres admittem sinceramente as qualidades dos maridos, Rex Bell, o seu esposo, certamente tem que estar incluido nesse numero. Convenhamos que um homem num rancho em Nevada olhando o lado do Oeste com milhares de cabeças de gado dirigindo-se para o Este, não pode ser censurado por ser demasiadamente delicado para uma senhorita inflammavel como Clara Bow. Este erro, se assim podemos chamar, tem sido commettido por muitos nomes com mais affazeres do que Rex cuja unica attribulação era o gado.

O encontro de Clara Bow com Rex foi justamente quando ella, estando no apogeu de sua carreira, recebia o maior numero de cartas de "fans" até então conseguido por qualquer artista — cinco mil por semana, chegadas de todas as procedencias.

Todos sabem que Clara Bow nasceu num bairro pobre de Brooklyn, de onde ella partiu por estradas sinuosas, repletas de obstaculos, até chegar ao Valle dos Immortaes da Téla.

Seu pae era um operario, e sua mãe morrera louca! Sua meninice foi o que se pode chamar de accidentada; turbulenta e cheia de soffrimento. E justamente como as pessoas orgulhosas, ella lutava contra a infelicidade com o ardor de um guerreiro, em vez de procurar o lado pacifico das cousas.

Não era bella, no estricto senso da palavra, porém vivaz e "charming." Esses attributos approximavam-n'a da belleza. Num grupo de pessoas de personalidade analoga, Clara Bow destaca-se.

Inconscientemente, ella devia saber formular certos conceitos a seu respeito, pois, mesmo em pequena, não largava um par de oculos, e vivia em frente ao espelho a fazer macaquices, estudando expressões, até que, chegando a edade de melhor comprehensão das cousas, decidiu-se a entrar para o Cinema...

Seu pae, um grande amigo seu, dava-lhe os ensinamentos da vida, comquanto sua mãe, talvez devido a fraqueza mental, não abria-lhe os olhos para o mundo. Dahi, a consideração que ella tem pelo pae ser commentada largamente em Hollywood. Até hoje, elle ainda é como justamente ella diz: — "O melhor amigo que tem tido

Clara Bow e Gilbert Roland em "Call Her a Savage" da Fox.

até hoje." Muito cêdo, ainda muito jovem, Clara aprendeu a evitar o seu lar onde sómente via infelicidade, e procurar consolo para suas attribulações nos theatros baratos. Os moradores de Brooklyn ainda se lembram de uma pequena de cabellos de fogo que se sentava na primeira fila dos theatros, observando attentamente os gestos dos artistas, hoje esquecidos. E em casa, recordando o que vira, possetava-se em frente do espelho, em constante repetição na pratica de maneiras e gestos, até que cansada era obrigada a ir deitar-se.

Antes da puberdade Clara Bow viu-se uma grande artista.

Seus livros escolares foram esquecidos pelas revistas de Cinema. Nem mesmo atormentada pelos collegas de escola, devido a sua preoccupação com os Films, ella deixou de viver os seus sonhos.

Foi quando uma revista Cinematographica iniciou um concurso de belleza. E nem mesmo seu pae sabendo que em Hollywood havia ás duzias, pequenas que para lá foram, via taes concursos de belleza, elle não ficou intimidado. E sem dizer a Clara a sua intenção, mandou uma photographia barata ao director da revista encarregada do concurso.

Os mezes passaram, e seu pae não perdia a esperança.

Nesse meio tempo Clara teve que esquecer sua ambição, e cuidar de sua mãe que estava em periodo critico. O coração da sonhadora pequena queimou-se lentamente na escuridão de seu lar.

Um dia o carteiro trouxe uma carta endereçada a Clara Bow.

No enveloppe estava o endereço da revista, e ao entregal-o o carteiro disse: "Espero que seja uma offerta de contracto." A carta fôra entregue ao pae, e este tratou de lêr immediatamente para certificar-se das noticias, porque se fossem más, Clara não precisaria saber. Entretanto, a carta informava que a photographia de Clara estava escolhida para as provas semi-finaes, juntamente com centenas em competição!

Foi então que elle contou a Clara a novidade. E ella excitada com a noticia quiz correr para contar a mãe, sendo obstada pelo pae que aconselhou-a a ter calma, dizendo-lhe que ainda havia uma estrada muito longa a palmilhar.

A pequena chorou um pouco.

Seu pae acariciando-a, disse-lhe: "Não tenha medo, você ganhará." Não se esqueça que você "é uma Bow"...

Não era sem razão que Clara Bow ainda até hoje diz que seu pae é o seu melhor amigo e confidente!

Se naquelles dias de anciedade, á espera do resultado, os dois pudessem divisar a estrada de fama, gloria e riqueza que a esperava, a choupana de Brooklyn seria considerada um palacio.

Faltavam duas semanas para o resultado. Os juizes eram Howard Chandler Christy, Harrison Fisher, e Neysa Mc Mein.

Clara chegou a ficar doente de tanto esperar o resultado!

No ultimo dia, ella vestiu-se o melhor que pôde, e nervosamente foi ao encontro dos juizes.

Mais duzentas pequenas estavam reunidas no escriptorio do director da revista! **Dez** deviam ser seleccionadas desse numero. E depois dessa tortura sem fim **UMA UNICA** devia ser escolhida desse ultimo grupo!

Clara Bow permaneceu heroicamente entre as concorrentes que se destacavam pelo menos vestidas com elegancia...

Clara Bow

Cada concorrente que era chamada, um dos juizes entregava-lhe uma carta, dando-lhe instrucções para agir como se a carta contivesse más noticias... Clara esperou muitas horas até que chegasse a sua vez. Sensivelmente emocionada, ella observava aquellas que iam obedecendo o mando do jury.

Quando chegou a sua vez... Quando o juiz entregou-lhe a carta, Clara recebeu com displicencia, olhou-a com indifferença, emquanto os juizes e demais presentes esperavam.

Havia um silencio sepulchral.

A' proporção que ella lia a carta, as lagrimas rolavam de seus olhos. Suas mãos tremiam. O papel tremia... Ella tinha uma palidez mortal. Parecia que naquelle momento ia entregar a alma ao Creador.

A carta cahiu ao chão. Um grito de dôr fez echo na sala. Todos, juizes e concorrentes, ficaram attonitos, olhando-se entre si, sem comprehender a razão de tudo aquillo.

Depois... Ali estava uma grande artista!

As demais concorrentes não esperaram o resultado, depois daquella prova. Trataram de fugir como fogem os amigos daquelles que foram destituidos da fortuna...

Prometteram-lhe um contracto, e deram-lhe um vestido mais decente. Isso queria dizer, o primeiro premio.

(Termina no fim do numero)

Ama-me esta noite

(*Conclusão*)

— "Porque... porque... minha Princeza — diz Maurice peor do que Roscoe Ates... — eu sou um alfaiate! Um mero alfaiate, Jeanette..."

— "Um alfaiate?!" — exclama a Princeza com os olhos mais arregalados do que os de Joan Blondell...

— Sim. Eu não sou nenhum Barão... sou um alfaiate de... Paris..."

A Princeza não continha o effeito desagradavel da revelação. Que decepção!...

— "Tanto a contraria isso, Princeza? Não me disse, hontem á noite, que me amaria, fosse eu quem fosse?..." — titubeia Maurice, envergonhado.

◇

Em breves instantes, todo o castello estava ao par de que o "Barão" não passava de um impostor. A grande sala do castello, como uma cidadela em cerco, cobre-se de vergonha. O Duque d'Artelines, prorompe num vozeirão rouquenho:

"Um alfaiate! Um alfaiate!
Que vergonha e disparate!
Um Barão que é calafate,
Um remendão — mero alfaiate!"

E os criados, sob o mando do senhor da casa, enxotam a Maurice como se elle fôra um cão. O alfaiate sahe, de cabeça baixa, coberto de vergonha. Um lacaio, vendo-o cruzar os salões, berra-lhe mais este desaforo:

"Não é nobre, nem Barão
o grandissimo burlão;
communissimo mascate,
não passa de um alfaiate!"

◇

Só a Princeza, que subira para o ultimo andar do castello, não insultára o "Barão". Afinal de contas elle lhe proporcionára tanto amor, tanta illusão... E ella já sentia até saudades delle, nesses poucos instantes em que o abandonára aos desaforos dos seus...

E Jeanette chora. Chora porque o ama e tambem verte pranto porque não quizera possuir o titulo de nobreza que tinha. Ella queria ser do povo, para poder correr atraz de Maurice e tornar-lhe a confessar:

— "Sejas o que fôres, eu te amarei, sempre!..."

◇

Maurice regressava a Paris cosmopolita, lá onde todos são eguaes, onde não existem mais brazões, de onde elle viera, tão sómente por culpa do Visconde de Vareze...

E não podia socegar! Ainda ecoavam-lhe nos ouvidos, os desaforos:

— "Não passa de um alfaiate..."

Subito, porém, elle vê á margem da estrada uma figura de amazona, que em seu cavallo galopa á todo o transe, parallelo ao trem onde elle viajava.

E' Jeanette, que lhe brada, com os olhos cheios de lagrimas:

— Maurice, eu te amo! Sou tua, para sempre! Sejas o que fôres, não posso viver sem ti! Pára o trem!..."

O alfaiate limpa os olhos para ver melhor aquella visão imprevista da felicidade.

"Não é possivel, Princeza. Eu sou um mero alfaiate..."

— "Sou tua, Maurice! Leva-me, comtigo!!!"

E galopando mais, avança até a locomotiva, gritando ao machinista:

— — "Páre esse trem!!! Eu amo a Maurice!..."

Vendo que não é attendida, a Princeza deita a galopar por um atalho, ganhando distancia ao trem e, mais adeante, abandonando o cavallo, posta-se no meio dos trilhos, como uma estatua viva, cabellos ao vento, para obrigar o comboio a parar...

O machinista solta apitos desesperados e a mulher não se move, impassivel, demonstrando uma coragem immensa, arranca admiração do machinista. E' um espectaculo inédito em toda a sua vida!

O comboio tem que parar, infallivelmente...

Maurice salta do seu vagão e corre a colher nos braços a mulher amada.

— "Minha adorada, Jeanette!"

O trem entretanto continúa a viagem, porque não era nenhum "expresso de Shanghai..." não podia esperar que terminasse aquella avalanche de beijos e carinhos em que o alfaiate e a Princeza estavam envolvidos...

John Gilbert quebrou o seu silencio de tres annos

(F I M)

alguma cousa da paixão que o empolgou quando teve aquelle romance com Greta Garbo.

E tudo isto sempre formou, em meu espirito, traços fortes, o retrato authentico deste artista esplendido e temperamental que é John Gilbert. Jamais o vi, no emtanto, como agora está, cahidinho pela esposa meiga e deliciosa que tem. E sinceramente acho que elle merece a felicidade que até hoje não teve.

Ha annos elle se parecia muito com o herόe de THE MOON AND SIXPENCE, de Somerset Maugham. Hoje, no emtanto, parece-se muito mais com o Lewis Alison de THE FOUNTAIN, de Charles Morgan...

E ninguem póde duvidar do novo John Gilbert que surge das cinzas de todas as aventuras de seu passado.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES

Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE

Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 36$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.

GILBERTO SOUTO.

VIRAM TUDO "CONTRA ELLA"?

Cora Sue Collins

CORA E GONZAGA, DE "CINEARTE".

GEORGE RAFT

(CONTINUAÇÃO)

se não gostarem eu irei para New York da mesma maneira e ninguem fica zangado.

Eu tinha confiança em mim mesmo e, ajudado pelo enthusiasmo de Brown, estava certo que venceria a causa. Acceitaram, em virtude da insistencia de Rowland Brown.

Segunda-feira não embarquei para New York. Tinha um contracto com a Fox para certo tempo. Fiz questão desse contracto, não acceitei apenas trabalhar por dia, em virtude do papel ser pequeno. Você comprehende — "eu sou macaco velho" e não deixo escapar opportunidades.

No meu primeiro dia de Filmagem, eu estava muito nervoso. Aquillo tudo — os "sets", as cameras, aquelle mundo de coisas eram completamente desconhecidos para mim. Spencer Tracy, meu velho conhecido de New York, me animava. No canto da montagem, elle me apontou King Baggott, antigo e famoso director, fazendo um papelzinho, ganhando cincoenta "dollars" por semana! Eu ficava amedrontado. Imagine! aquelle antigo director, que conhecia Cinema a fundo, ali quasi um "extra" — e eu um novato, verdadeiro calouro naquelle ambiente!

O seguinte Film, "O preço da ventura" foi feito e eu terminei o meu contracto com a Fox, quando me chamaram para o Film da United Artists, "Scarface". Deram-me um contracto por quatro semanas mas eu trabalhei quarenta e cinco. Foram dias e semanas, mezes de actividade. Trabalhei todos os dias, tive um papel muito bom, um dos que mais gostei. Acompanhava Paul Muni o Film todo e isto era de muita importancia para mim. Paul é uma das figuras mais celebres, em New York, no theatro e, pessoalmente, uma creatura agradavel e um bom amigo.

Perguntei-lhe, então, se elle havia feito algum "test". ao chegar a Hollywood.

"Nunca fiz "test". Não admittia a possibilidade de apparecer deante da camera, sómente para prazer do director e de meia duzia de camaradas dos Studios. Certa vez, isso ha dois annos, se tanto, estava eu em Hollywood, quando recebi um chamado da Metro. Era um Film com scenas de dansas. Estavam lá Sammy Lee, Ukekele Ike e outras pessoas que me conheciam perfeitamente bem de New York. Todos elles sabiam o que eu poderia fazer e conheciam o meu nome e o meu trabalho, pois, innumeras vezes me haviam visto dansar nos "cabarets" ou nos theatros de Este.'

(Conclue no proximo numero)

RASPUTIN

(CONTINUAÇÃO)

Num detalhe, este mesmo typo de chapeo, no periodo que precedeu a grande guerra, foi lançado nos Estados Unidos pela propria Ethel Barrymore. Ficou até conhecido pelo nome da celebre estrella do theatro de New York, e, agora, por coisas do destino, Ethel o usa, creando o typo da czarina, mulher supersticiosa e dominada pela palavra ardente do Monge Negro.

Em Ethel encontrei uma mulher intelligente. Ella convidou-me a sentar ao seu lado, emquanto não entrava em scena.

Estava realmente dominado por forte emoção. Aquella mulher ao meu lado era uma das figuras mais celebres do theatro mundial. Durante muitos annos, ella vem dominando New York, Londres, a Europa inteira. O seu nome havia chegado até mim pela leitura de revistas e jornaes — a sua fama tambem se espalhara pelo meu Brasil, inteiro.

(Conclue no proximo numero)

Sou pago para não pensar

(Continuação)

E até Greta Garbo teve-o em *Susan Lenox*, ainda que tambem neste Film fosse um papel fóra de seu genero.

Em todos esses casos, a opinião de Clark Gable jámais foi consultada.

— Soube em Del Monte que ia figurar com Greta Garbo em *Susan Lenox*. Li num jornal... E foi tambem num jornal que li o meu "emprestimo" á Paramount para figurar em *No Man of her own*, ao lado de Carole Lombard. Um dia eu entrava no Studio quando me disseram que teria o papel primeiramente pensado para John Gilbert em *Red Dust*.

— Mas *Red Dust* é uma historia ao seu feitio, não é?

— Foi um assumpto primeiramente pensado para Greta Garbo.

— Mas seu papel é forte e viril em *Red Dust*, não é?

— Mas foi comprado para Greta Garbo.

Olhei-o. Sua insistencia forçou-me a um silencio. A historia realmente tinha sido comprada para uma mulher. A menos que modificações enormes fossem introduzidas continuaria sendo uma historia para mulher. E hoje que já vi o film, aliás alguns dias depois de minha entrevista aqui escripta, vi que realmente varias modificações foram introduzidas. E' um film para homem e Jean Harlow consegue equiparar-se a Clark Gable apenas num esforço enorme dentro de um papel representado com alma.

(Conclue no proximo numero)

COMO ME QUERES

(Continuação)

— Não, Zara, você daqui não sahirá.

E ia pegal-a novamente pelos pulsos, quando a voz do criado ouviu-se.

— Mas o senhor não póde entrar. Todos estão recolhidos. A hora é impropria!

— Pois então aqui mesmo eu ficarei esperando que se levantem!

(Continúa no proximo numero)

A VOLTA DE CLARA BOW

(CONTINUAÇÃO)

Quando seu pae perguntou-lhe como succedeu ser ella a vencedora, respondeu simplesmente: "Pensei em mamãe".

Foi o principio da felicidade na casa de Clara Bow. Mas, em seu mel havia duas abelhas: — Clara não tinha opportunidade para usar o vestido, e não havia nenhuma companhia cinematographica que precisasse de seus serviços.

(Termina no proximo numero)

A maravilhosa Hollywood que eu conheço

(Continuação)

estrella. E — eu que com ella falei, durante muito tempo, posso dizer — a Jean Harlow, da vida real, é uma creatura bonita, intelligente, fina — mas em nada se parece com a mulher fatal que interpreta em seus films...

E... as conversas com outros jornalistas e publicistas. Pormenores que se vêm a saber, detalhes, pequeninos nadas que completam uma opinião, uma biographia, que são motivo para uma inspiração sobre esta ou aquella personalidade da tela.

Ouvir dos labios de uma jornalista a descripção da chegada de Greta Garbo a Hollywood... a sua primeira entrevista! Descobrir sobre essa creatura admiravel cousas que até agora nunca foram publicadas e que eu estou recolhendo para um artigo especial sobre ella...

(Termina no proximo numero)

O APOSTOLO DOS EXTRAS

(F I M)

este foi galã de Esther Ralston, lembram-se? — Wilfred Lucas. Aquelle mercador que vae passando ali ao longe, por exemplo, outro **extra**, é Jerome Storm, ex-director conhecido e que dirigiu uma serie enorme de Films de Charles Ray, para a Paramount e de John Gilbert, para a Fox. Aquella mulher romana, mais adeante, ainda joven e bonita, é a conhecida Florence Turner, dos aureos tempos da Vitagraph.

Ali mais adiante, sentada nos degráos daquella escada, está Gertrude Norman, a primeira heroina da peça theatral E A S T L Y N N E. De Mille, vendo-a, ao nosso lado, reflecte e fala.

— Está velha, innegavelmente, mas ainda é uma esplendida artista. Quando ella gritou, no instante em que era espancada a creança christã, quasi quebrou o microphone... Aquelle ali adeante, é Horace Carpenter, que figurou no primeiro Film feito pela Paramount e que eu dirigi, o meu primeiro THE SQUAW MAN. Aquella mulher que está ao lado daquella fonte, é Carol Holloway, artista de Films em series da Vitagraph com William Duncan e Joe Ryan, lembram-se, não e? Aquella outra, mais adeante, Ynez Seabury, uma outra artistazinha que eu aprecio bastante.

C. B. conhece seus **extras**. Sempre os está protegendo e nunca os esquece. Um delles, por exemplo, é notorio. De Mille Filmava J O A N N A D'ARC, com Geraldine Farrar e Wallace Reid, quando um **extra** insistiu para elle o ver. De Mille approximou-se e acabou acceitando o **extra** deante de tamanha insistencia. Hoje elle é o celebre Ramon Novarro e desde esse primeiro papel C. B. já tinha previsto o seu grande futuro em Films. E hoje C. B. ainda anda descobrindo novos Novarros pela Hollywood apparentemente pequena e verdadeiramente tão grande...

O Film de De Mille despertou, pela sua grandiosidade, a attenção de outras companhias. Numa época dessas, se a Paramount assim se arriscava, certamente era porque os grandes espectaculos é que dariam seus lucros. E a R. K. O. está usando um immenso numero de **extras** em THE CONQUERERS. A M. G. M., outro tanto, em RASPUTIN. A propria Paramount, outro tanto, em A FAREWELL TO ARMS. A Fox, não menos, para CAVALCADE e ainda a Paramount não poucos em THE LIVES OF A BENGAL LANCER. E' a volta do prestigio do **extra** e prestigio esse de regresso graças á palavra de ordem do mestre dos mestres, Cecil B. De Mille.

O facto unico é este: — Cecil B. De Mille está Filmando? Felizes são os **extras** de Hollywood.

ALMANACH DO
"O TICO TICO"
1933
E' AGORA MACACADA
O.C
PREÇO
EM TODO
O
BRASIL
6$000
ACHA-SE A' VENDA

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
Odol
Odol
KCHOUT.
ODOL